



Pedofilia. Desejo e perversão

Mario Fleig

O pedófilo como vítima de seu desejo e perversão

Philippe Di Folco

A paranoia em torno da pedofilia

Nazir Hamad

As marcas indeléveis da pedofilia

E mais:

>> **Charles Lang:**
Freud e o inconsciente

>> **Telma Monteiro:**
Leilão de Belo Monte: uma armação

Pedofilia. Desejo e perversão

“Por que a pedofilia se tornou o alvo de nossa repugnância ao sexual em plena revolução do “é proibido proibir”, “faça amor, não faça a guerra” etc.?” pergunta **Mario Fleig**, psicanalista e filósofo. Seria o último interdito que resta em nossa sociedade?, questiona **Roland Chemama**, psicanalista francês.

Para discutir o tema, difícil e complexo, a **IHU On-Line** convidou, e aceitaram o desafio, além do supracitado professor na Unisinos, o psicanalista **Sócrates Nolasco**, professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o psicanalista libanês, radicado na França, **Nazir Hamad**, da Association Freudienne Internationale (AFI), o psicanalista francês **Roland Chemama**, organizador, juntamente com Bernard Vandermersch, do *Dicionário de Psicanálise* (São Leopoldo: Unisinos, 2007), o jornalista francês **Philippe Di Folco**, organizador do *Dictionnaire de la pornographie* (Paris: PUF, 2005) e o historiador **Thomas Lacqueur**, professor na Universidade de Berkeley, EUA.



Além da pedofilia, as **Notícias do Dia**, publicadas diariamente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, têm dedicado, há muito tempo, um amplo espaço ao debate do projeto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. **Telma Monteiro**, coordenadora de Energia e Infraestrutura Amazônia da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé, e **Roberto Smeraldi**, ambientalista, comentam o leilão realizado na semana passada.

No dia 4 de maio, inicia o Ciclo de Estudos Filosofias da Diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. O ciclo inicia com a conferência do Prof. Dr. **Mario Fleig**, intitulada *Freud e o inconsciente*. Sobre o tema, veja a entrevista com **Charles Elias Lang**, professor e pesquisador no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

Completa a edição o artigo do jornalista **Luciano Correia dos Santos**, da Universidade Federal do Sergipe, discutindo um padrão de qualidade na televisão.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Mario Fleig: O pedófilo como vítima de seu desejo e perversão

PÁGINA 09 | Sócrates Nolasco: A pedofilia e as sombras da lei

PÁGINA 13 | Nazir Hamad: As marcas indelévels da pedofilia

PÁGINA 15 | Philippe Di Folco: A paranoia em torno da pedofilia

PÁGINA 19 | Roland Chemama: O último interdito em nossa sociedade

PÁGINA 20 | Thomas Lacqueur: Nem sempre a pedofilia foi considerada algo errado

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 23 | Telma Monteiro: Leilão de Belo Monte: uma armação

PÁGINA 28 | Roberto Smeraldi: Os efeitos do Leilão de Belo Monte deverão ser nulos

» Coluna do Cepos

PÁGINA 30 | Luciano Correia dos Santos: Um padrão de qualidade na televisão

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 39 | Charles Lang: Freud e o inconsciente: a noção de uma outra cena

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | José Luís Bolzan de Moraes



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

O pedófilo como vítima de seu desejo e perversão

Ao contrário do perverso decidido, que sequer registra o seu conflito, o pedófilo tem escolha, analisa o psicanalista e filósofo Mario Fleig. Drama subjetivo dos pedófilos e invenção da infância na modernidade precisam ser tomados em conta face à “caça aos pedófilos”

POR MÁRCIA JUNGES

A partir da experiência de atendimento em consultório a pacientes pedófilos, o psicanalista e filósofo Mario Fleig afirma que estes parecem estar convencidos “do que seja o verdadeiro amor paterno”. Por isso, são pessoas que sinceramente se dedicam a “querer fazer o bem da criança por meio de relações sensuais, amorosas e sexuais”. De acordo com ele, “é raro que um pedófilo abuse de seus próprios filhos e acontece frequentemente de serem bons pais e terem filhos que não seguem o caminho da perversão”. E continua: “parece ser muito relevante para o pedófilo que a criança se apresente em uma espécie de sexualidade natural, expressão do desejo de gozar, oposta à sexualidade reprimida e deformada do mundo adulto. Por isso, a presença de atos de força, de não-consentimento e de violação repugna ao procedimento comum dos pedófilos”. Fleig assinala que o pedófilo é vítima de seu próprio desejo e perversão, mas ele “tem escolha”, ao contrário do que acontece com o “perverso decidido e sem registro de seu conflito”. As afirmações fazem parte da entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Quanto à “caça aos pedófilos” que presenciamos em nossa sociedade, análoga à caça às bruxas da Idade Média, é preciso atentar a dois elementos. O primeiro deles é o próprio drama subjetivo dos pedófilos, e o segundo é a “invenção da infância, que desponta na modernidade”. Utilizando a expressão freudiana de “sua majestade, o bebê”, Fleig demonstra como é insuportável aos pais perceber quaisquer falhas em seus filhos, o que “revelaria seu próprio fracasso como filhos. A cena da criança pura e inocente a mercê do repugnante pedófilo formaria um encobrimento justo para o insuportável desejo de uso deste bebê dentro da economia psíquica dos pais”.

Mario Fleig é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos, e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia pela UFRGS, doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, e pós-doutor em *Ética e Psicanálise pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França*. É autor de *O desejo perverso* (Porto Alegre: CMC, 2008) e um dos organizadores de *O futuro do ódio* (Porto Alegre: CMC, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a definição psicanalítica para a pedofilia? É uma doença? Um desvio? Uma perversão?

Mario Fleig - A pedofilia foi descrita de modo detalhado por Havelock Ellis¹ e Krafft-Ebing², no século XIX, e geral-

1 Henry Havelock Ellis (1859-1939): médico, psicólogo e sexólogo britânico, nascido na Austrália. (Nota da IHU On-Line)

2 Richard von Krafft-Ebing (1840-1902): psiquiatra e neurologista alemão. Sua principal obra, *Psychopathia Sexualis*, lançada em 1886, reúne 237 relatos de atos sexuais considerados aberrantes, como necrofilia, sadomasoquismo, exibicionismo e fetichismo. (Nota da IHU On-Line)

mente é considerada como pertencendo à esfera da perversão, ao lado de comportamentos tomados por desvios sexuais como o fetichismo, a prostituição infantil, a necrofilia, o sadismo, o masoquismo etc. Contudo, ainda que a pedofilia possa ser colocada no quadro das perversões ou das tendências perversas, é preciso estabelecer aquilo que especifica o drama subjetivo particular do sujeito pedófilo. Freud³

3 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a

introduz uma abordagem das perversões

hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de

sões inovadora, recusando o enfoque etiológico precedente, e que ainda se encontra vigente para muitos, que era fundado em critérios morais, sociais e médico-legais, contrapondo que não devemos objetivar o comportamento dos perversos como se ele fosse exterior ao da espécie humana. Nesta direção, se considerarmos que a perversão é a experiência de uma paixão humana, na qual o desejo se suporta no ideal de gozo de um objeto inanimado, qual seria o objeto que especifica a pedofilia? Qual a paixão do pedófilo?

A pedofilia se define como o amor pelas crianças, segundo o sentido literal da palavra: *paidos+filia*, e consiste na perversão que leva um indivíduo adulto a se sentir sexualmente atraído por crianças. Contudo, é preciso saber qual é a forma de amor que se orienta para um tipo particular de criança. O perverso pedófilo não se confunde com a prostituição infantil ou o perverso sádico, ainda que a lei positiva possa considerar como sendo abuso e violação sexual as relações sexuais de um adulto com uma criança abaixo de certa idade. Em geral, um pedófilo não se interessa por atos de violação, pois seu discurso pressupõe a situação em que a criança consinta nas relações que tem com ele, e até mesmo que ela queira isso. Por isso, a importância das formas de aproximação do pedófilo, que visam cativar a criança, assegurando-lhe que é admirada e amada. Parece ser muito relevante para o pedófilo que a criança se apresente em uma espécie de sexualidade natural, expressão do desejo de gozar, oposta à sexualidade reprimida e deformada do mundo adulto. Por isso, a presença de atos de força, de não-consentimento e de violação repugna ao procedimento comum dos pedófilos. É comum o perverso pedófilo sustentar a teoria de que os pais, de preferência o pai, é que abusam de seus filhos ao lhes imporem pela força seu modelo de sexualidade, impedindo-os de fazer amor e obrigando-os à condição de *voyeur* do

04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://migre.me/s8jF>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://migre.me/s8jU>. (Nota da IHU On-Line)

“Não devemos objetivar o comportamento dos perversos como se ele fosse exterior ao da espécie humana”

erotismo do casal parental. É raro que um pedófilo abuse de seus próprios filhos, e acontece frequentemente de serem bons pais e terem filhos que não seguem o caminho da perversão. Certa vez, procurei-me, para tratamento, um pedófilo, tomado pelo temor de que poderia abusar de sua filha. Este temor já indicava uma das faces de seu drama subjetivo, evidenciando o conflito em que se encontrava e que não estava bem em sua tendência sexual.

Iniciação ao gozo

O pedófilo parece estar convencido do que seja o verdadeiro amor paterno e, por isso, é alguém que sinceramente se dedica a querer fazer o bem da criança por meio de relações sensuais, amorosas e sexuais. Mostra-se, geralmente, o melhor educador, contrapondo-se aos costumes rígidos e frios da família, difundindo uma paixão que exige reciprocidade ao propor uma função paterna e educativa fundada na idealização da pulsão, mais do que na idealização do desejo. Enfim, o pedófilo acredita que a iniciação da criança no gozo é de importância capital.

A diferenciação da pedofilia de outras formas de perversão não é difícil de ser feita. Basta termos claro qual é o objeto escolhido da perversão pedófila. A criança poderia ocupar o lugar do fetiche e, assim, a pedofilia se assemelharia ao fetichismo. Mas não parece ser uma aproximação justa, pois não permitiria estabelecer uma diferença entre o pedófilo e o homossexual pederasta (que busca a criança pré-púbere) ou a prostituição infantil. A condição necessária para despertar o interesse do pedófilo é a criança em seu estatuto de anjo, ou seja, a criança que ainda não se definiu quanto a

seu sexo. Em outras palavras, a criança em seu estado de pura inocência quanto às coisas do sexo. Isso não é condição indispensável na prostituição infantil ou na pederastia, e parece que nem se coloca, visto que a criança ou o púbere em geral estão cientes do significado sexual da aproximação do adulto. A criança aparentemente assexuada, no caso do pedófilo, encarnaria a recusa (*Verleugnung*) contraposta ao reconhecimento da diferença dos sexos e, ao mesmo tempo, descortinaria a promessa de uma sexualidade completa, a ser alcançada por meio da iniciação ao gozo, aqui identificado com a Lei. A criança inocente e ignorante de sua sexualidade seria então introduzida na verdade da Lei perversa, que se caracteriza por pretender reduzir o desejo ao gozo supremo, contemplando a estrutura comum das perversões, que assim efetiva a radical recusa da castração, ou seja, da diferença sexual.

IHU On-Line - Desse ponto de vista, o pedófilo tem “cura”? Existe um tratamento?

Mario Fleig - Um bom indício do tratamento possível do sujeito pedófilo ocorre quando este conserva o sentido do pecado ou da falta moral, pois isso mostra que a dimensão do outro ainda está presente. Não é o caso quando se trata de um perverso decidido, no qual está definitivamente abolida a dimensão de alteridade, assim como da falta moral. Parece não haver nenhum drama subjetivo, estando a angústia cristalizada totalmente na vítima de sua ação perversa. O pedófilo, apesar de ser vítima de seu desejo e de sua perversão, tem escolha, ao passo que um perverso decidido e sem registro de seu conflito não tem nenhuma escolha.

Deste modo, a questão preliminar a todo tratamento psicanalítico possível do sujeito pedófilo consiste, inicialmente, em pressupor que ele não está fora do campo da transferência, ou seja, de certo endereçamento a um Outro no qual suponha um saber sobre seu drama subjetivo. Esta condição necessária para o tratamento possível do pedófilo não é diferente das demais formas de perversão. Lacan⁴, em *Kant*

⁴ Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista

com Sade, um dos artigos mais difíceis de seus *Escritos*, destaca que Sade⁵, como sujeito, visa seu desaparecimento, ou seja, estar reduzido a um objeto. É isso que, em última instância, busca o perverso, restaurar o Ser Supremo pela oferta da maldade, na qual coincide o instrumento e o próprio sujeito. A obturação radical da falta, em todos os furos possíveis, transmuta-se no ódio radical por aquela que denuncia o furo: A Mulher. O perverso se estrutura em torno do repúdio radical ao outro sexo, que exige sempre velado e até mesmo danificado, para que nada possa vir de lá. Mais do que isso, visa a destruir tudo o que possa ter passado pelo sexo feminino, inclusive ele mesmo. Aí se encontra a única saída para a realização da paixão perversa, que o aspira a eliminar-se a si mesmo. Contudo, em geral, o perverso não está bem em sua paixão perversa, o que introduziria uma brecha no instante anterior ao da realização de sua paixão suprema, dando a chance para um possível tratamento.

Clínica da perversão

francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da Revista IHU On-Line, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://migre.me/zAMA>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista IHU On-Line, produzidas tendo em vista o Colóquio Internacional *A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"?* [ne cède pas sur ton désir?], realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível para download em <http://migre.me/zAMO>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"?*, disponível para download em <http://migre.me/zAMQ>. (Nota da IHU On-Line)

5 Donatien Alphonse François de Sade (Marquês de Sade), (1740-1814): aristocrata francês e escritor libertino. Muitas das suas obras foram escritas enquanto estava em um hospício, encarcerado por causa de seus escritos e de seu comportamento. De seu nome surge o termo médico sadismo, que define a perversão sexual de ter prazer na dor física ou moral do parceiro ou parceiros. Foi perseguido tanto pela monarquia (Antigo Regime) como pelos revolucionários vitoriosos de 1789 e depois por Napoleão. (Nota da IHU On-Line)

“O pedófilo acredita que a iniciação da criança no gozo é de importância capital”

Também proponho uma hipótese complementar sobre as condições de uma clínica da perversão: se seguirmos a indicação freudiana de que, nos sujeitos perversos, teria havido um fracassado recalçamento orgânico de certas zonas de excitação na aquisição da postura ereta, produzindo-se pontos de fixação anal e especialmente no campo olfativo, podemos postular que isso se liga a falhas na subjetivação. Haveria nos sujeitos perversos uma insuficiente subjetivação: se o sujeito psicótico se caracteriza pela não entrada no infantil (não formula uma teoria que seja sexual), o sujeito perverso se caracteriza por um recuo diante das consequências do encontro com o sexual, determinando uma parada e fixação de um ponto de sua subjetivação e uma entrada na incessante metonímia da busca da fração perdida que dá a prova de que existe proporção sexual. Discuto essa hipótese, à luz de um caso clínico, em meu livro *O desejo perverso* (Porto Alegre: CMC, 2008).

Afirmar que o pedófilo não está fora do campo da transferência, ou seja, que vive um drama subjetivo que se situa em algum endereçamento ao Outro, pressupõe que a angústia se faz presente, e assim também sua condição de sujeito. É esse fragmento de sujeito que mantém o pedófilo dentro da condição humana. Digo isso tomando apoio na experiência que já tive com sujeitos declaradamente pedófilos, condição admitida por eles mesmos, e que apresentava, ao lado da compulsão perversa, uma divisão subjetiva enunciada em nome próprio. Lacan vem em nosso auxílio, recusando a posição desesperada em relação à clínica da perversão. Afirma ele, no seminário *A lógica do fantasma*, na aula de 31 de maio de 1967, que “o perverso permanece sujeito em todo o tempo do exercício do que ele coloca

como questão ao gozo; o gozo a que ele visa é o gozo do Outro, à medida que ele é talvez o seu único resto; mas ele o coloca por uma atividade de sujeito”; e por ser um resto do corpo que ainda não está entregue à voracidade do gozo do Outro, Lacan aposta que no caso do perverso “todo o corpo não foi tomado no processo de alienação”.

IHU On-Line - Como a psicanálise explica os atos de pedofilia a partir de diferentes culturas e diferentes idades de maturidade sexual? O que é e o que não é aceitável?

Mario Fleig - Nos dias de hoje, assistimos a uma promoção social da pedofilia espetacular, ao passo que outras formas de desvios sexuais, anteriormente condenadas, são socialmente toleradas e até mesmo estimuladas. Por que precisamente a pedofilia se tornou o alvo de nossa repugnância ao sexual, em plena revolução do “é proibido proibir”, “faça amor, não faça a guerra” etc.?

Sabemos que, em outras sociedades, tão civilizadas como a nossa, a exemplo da Grécia, a pedofilia era socialmente organizada como rito de passagem para os meninos e jovens, sendo o modelo ideal da relação amorosa e pedagógica. Em Roma, o mestre, via de regra, tinha amantes meninos não púberes, desde que não fossem cidadãos romanos. Vemos então que a caça aos pedófilos, em nossa sociedade, tornou-se um fenômeno mais estranho do que um progresso da civilização. Por isso, seria interessante estarmos suficientemente esclarecidos a respeito do drama subjetivo dos sujeitos pedófilos antes de nos lançarmos nesta caça às bruxas. Os tribunais de Inquisição ainda lançam suas sombras sobre nossas memórias.

Penso que a promoção contemporânea da condenação à pedofilia tem relação com a invenção da infância, que desponta na modernidade, em torno do século XVIII. Freud já havia caracterizado este fenômeno ao denominar a criança de “sua majestade, o bebê”. A criança, para os pais contemporâneos, tende a configurar não apenas a criança idealizada e sonhada, mas passa a ocupar o lugar de ser aquela

criança perfeita que os próprios pais fracassam em ser para seus pais. Assim, o filho adorado teria como função primeira, no imaginário dos pais, sanar a decepção que estes foram para a geração anterior. Compreende-se que se torna absolutamente insuportável para estes pais perceber o menor sinal de falha em seu filho, pois esta revelaria seu próprio fracasso como filhos. A cena da criança pura e inocente a mercê do repugnante pedófilo formaria um encobrimento justo para o insuportável desejo de uso deste bebê dentro da economia psíquica dos pais. Pela clínica psicanalítica, sabemos que aquilo que atacamos de modo implacável no outro não deixa de ter relação com aquilo que não suportaríamos reconhecer em nós mesmos. Está claro que a cena pedófila não cessa de causar repugnância e repúdio em cada um de nós, e, por isso, a consideramos condenável.

IHU On-Line - Quais são os elementos que caracterizam a personalidade de um pedófilo?

Mario Fleig - O pedófilo é alguém que busca realizar um ideal de amor que teria acontecido na infância, de modo que esta se eterniza. A infância deixa de ser um tempo transitório e, na lógica pedófila, a criança constitui a recusa ou o desmentido da divisão do sujeito entre desejo e gozo, entre Lei e proibição. O pedófilo visa reeditar o mito da completude natural na qual o desejo se harmonizaria em um gozo sem falhas. Assim, o fascínio do pedófilo pela infância tende a dotá-lo de qualidades excepcionais para o ato pedagógico. Contudo, não podemos confundir o pedófilo com o pedagogo, pois o verdadeiro pedagogo, se é que ainda existe, embasa sua prática no desejo primordial da criança, que é o desejo de se tornar grande, de crescer, como afirmava já Hegel⁶ em *Princípios da*

6 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*,

“Penso que a promoção contemporânea da condenação à pedofilia tem relação com a invenção da infância, que desponta na modernidade, em torno do século XVIII. Freud já havia caracterizado este fenômeno ao denominar a criança de ‘sua majestade, o bebê’”

Filosofia do Direito (§ 175). Em contrapartida, o desejo do pedófilo é de manter a criança no lugar de inocência que viria encobrir o insuportável da castração e da diferença sexual.

IHU On-Line - O que explica o fato de que a pedofilia é praticada, geralmente, por homens?

Mario Fleig - Não só a pedofilia, mas as demais perversões ou tendências perversas são consideradas como atributos exclusivos do sujeito masculino. Assim, não existira pedofilia no lado feminino? As mulheres estariam vacinadas contra este desejo repugnante? Não parece tão certo assim. Sabemos da devastação que uma mãe produz quando toma seu filho como o objeto que venha a preencher o que lhe falta, realizando uma espécie de casamento que não admite divórcio, mesmo para além da morte. Aquilo que corresponderia à pedofilia materna ou feminina ainda está para ser explorado. Lacan teve a ousadia de explorar este “continente negro” e deixou importantes pistas sobre os efeitos devastadores

em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/ZAON>. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/ZAOX>. (Nota da IHU On-Line)

da posição materna que não reconhece o valor do outro sexo e se considera como detentora de todo o saber sobre sua criança, seja menino ou menina.

IHU On-Line - Há alguma relação causal entre o abuso sexual na infância e a pedofilia? Por quê?

Mario Fleig - Eu tenho constatado, em pacientes pedófilos que recebem para tratamento, o relato frequente de ocorrência de abuso sexual na infância. Deste modo, frequentemente a pedofilia se transmite por iniciação. Sabemos que a introdução da criança no sexual se faz pela apresentação por parte do Outro materno, do terceiro, em geral o pai. Assim, o pai é aquele que representa o encontro com o sexual e, por isso, ele facilmente é apontado como o abusador. Contudo, formulando de outro modo, podemos dizer que o acesso ao desejo sexual pode ser fazer tanto por meio de nossa relação com a linguagem, como por meio de nossa experiência. Quer dizer que o corpo é permeável em sua organização por meio da experiência. E quando houve uma experiência perversa, sofrida, ela pode constituir uma marca inultrapassável ou muito difícil de ultrapassar, uma fixação que gera compulsão à repetição. É disso que padece o pedófilo.

A transmissão da pedofilia se faria então por iniciação, por uma espécie de ideal educativo. Acontece que o pedófilo, em sua compulsão, busca reproduzir a cena fantasmática na qual está fixado. Assim, ele sofre a cena, pois reedita sua posição de criança inocente sendo seduzida pelo adulto na criança que ele conquista. Por isso que os futuros pedófilos são recrutados no meio que tem relação com o magistério moral e com o magistério educativo.

IHU On-Line - A repressão/sublimação da sexualidade seria uma das explicações para a pedofilia? Por quê?

Mario Fleig - A transmissão da pedofilia, além de poder se fazer por iniciação, também pode ser determinada pela posição materna de tomar o filho como um falo positivado que viria, como objeto, cobrir a castração mater-

“Os futuros pedófilos são recrutados no meio que tem relação com o magistério moral e com o magistério educativo”

na. Neste caso, o surgimento da pedofilia estaria ligado à recusa materna de sua própria castração. Na terminologia freudiana, não seria o excesso de recalçamento (*Verdrängung*) que produziria a pedofilia, mas, ao contrário, sua insuficiência. O recalçamento produz uma limitação no gozo e suscita a falta, causa do desejo, instaurando uma divisão subjetiva que denota a subjetivação do sexual, que permite a assunção da posição sexuada, masculina ou feminina, e o reconhecimento da consistência do outro, como outro sexo. A pedofilia, assim como qualquer perversão, implica um tipo de sublimação do sexual, com o ônus do não reconhecimento do outro, que então é instrumentalizado e tomado como inanimado, ou seja, sem subjetividade própria.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Mario Fleig à IHU On-Line.

* *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família.* IHU On-Line número 150, de 08-08-2005, disponível para download em <http://migre.me/yEsF>

* *Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização.* IHU On-Line número 179, de 08-05-2006, disponível para download em <http://migre.me/yEtC>

* *O declínio da responsabilidade.* IHU On-Line número 185, de 19-06-2006, disponível para download em <http://migre.me/yEu5>

* *O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral.* IHU On-Line número 220, de 21-05-2007, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1179776791.1.pdf.pdf>

* *“Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”.* IHU On-Line número 265, de 21-07-2008, disponível para download em <http://migre.me/yEv3>

* *Não cedas do teu desejo: é preciso sustentarmos o que falamos com voz própria.* IHU On-Line número 295, de 01-06-2009, disponível para download em <http://migre.me/yEVA>

* *O direito ao gozo e à violência.* IHU On-Line número 298, de 22-06-2009, disponível para download em <http://migre.me/yEw4>

A pedofilia e as sombras da lei

Uma pessoa que não controla sua vida está a mercê de impulsos e tem sua afetividade e sexualidade adulta embotadas.

Assim é o pedófilo, analisa o psicanalista Sócrates Nolasco. Ele se acha intocável e vive nas sombras da lei, além de depender de crianças para se satisfazer sexualmente

POR MÁRCIA JUNGES

A pedofilia é a necessidade de preencher um vazio interior. “Alguma coisa dentro do agressor morreu, e a violência e a pedofilia são expressões disto”, atesta o psicanalista Sócrates Nolasco na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Ele continua: “O pedófilo procura na criança um alimento emocional através do veio sexual. Na pedofilia, há uma inversão de papéis, pois aquele que cuida, reivindica sexualmente o cuidado por parte da criança abusada”. Tais adultos ficam “subformados emocional e sexualmente” porque dependem de uma criança para ter prazer. De acordo com Nolasco, “a pedofilia é um conflito da ordem da negação de excitações que constituem o sujeito. Os homens são os que mais fazem isto a eles mesmos, pois, assim, creem que serão homens”. O psicanalista explica que há dois aspectos recorrentes nas situações que configuram a pedofilia: “Um deles é que o adulto envolvido tem algum poder sobre a criança, podendo ser exercido tanto pela sedução quanto pela coerção sobre ela. O outro se refere à abordagem ambígua deste adulto em relação à criança - ele deixa margem para que a criança fique confusa no que tange a abordagem sexual feita por ele”. E arremata: “A pedofilia é a marca do empobrecimento e da miséria interior. Ela atesta o declínio de um sujeito que está preso a dimensões de sua vida que desconhece e não sabe como gerenciar”.

Nolasco é graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestre e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pela PUC-Rio, respectivamente. Sua tese intitulou-se *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais* (Rio de Janeiro: Rocco, 2001). Escreveu, também, *A desconstrução do masculino* (Rio de Janeiro: Rocco, 1995) e *O mito da masculinidade* (2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993). Leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em outra entrevista à nossa publicação (*A violência tem sexo, disponível para download em <http://migre.me/yEsF>*), o senhor disse que a violência não está restrita a uma etnia ou classe social, mas tem sexo - o masculino. É essa

a razão que faz a pedofilia ser praticada, geralmente, com e por homens? Por quê?

Sócrates Nolasco - Há uma relação entre masculinidade e violência, todavia, onde a ancoraríamos para pensarmos a pedofilia? Quais seriam

os pontos de interseção entre elas? Pedofilia é uma questão que está na ordem do sujeito ou do grupo social?

Para analisarmos esta questão, poderíamos seguir alguns caminhos. Alguns deles não respondem as perguntas, mas tentam justificar porque ela ocorre. Existem os que pensam que a pedofilia é um desdobramento da homossexualidade, considerando esta última uma patologia. Isto não é verdade, pois há pedófilos homens que assediam e mantêm relações sexuais com meninas.

A pedofilia tem dois aspectos recorrentes, presentes em toda situação que a configura. Um deles é que o adulto envolvido tem algum poder sobre a criança, podendo ser exercido tanto pela sedução quanto pela coerção sobre ela. O outro se refere à abordagem ambígua deste adulto em relação à criança - ele deixa margem para que a criança fique confusa no que tange a abordagem sexual feita por ele. Crianças que se sentem abandonadas e sozinhas são mais fáceis de serem assediadas do que aquelas que se sabem cuidadas e amadas. A certeza de que são amadas as protege de adultos ambíguos e abusadores.

Vazio interior

A lei pode ser um eixo em torno do qual masculinidade, violência e pedofilia se articulam. Não a lei em si, mas sua função para o sujeito. Uma de suas funções é a de estabelecer uma forma para nossos impulsos, sem o que ficamos sem saber, o que são, e o que reivindicam. A masculinidade é um nome que serve para nomear distintos impulsos, mapeando-os e oferecendo uma possibilidade de sentido para eles. Por outro lado, a violência e a pedofilia apontam para uma situação recorrente na experiência humana, na qual a palavra não dá conta da excitação que a reivindica. Toda vez que um impulso encontra uma palavra que o represente, ele consegue se satisfazer no objeto encontrado.

Todavia, quando isto não acontece, a lei como causa exterior entra em cena para contê-lo. Na falta da palavra adequada, resta a lei para conter o impulso. Contudo, se o sujeito que se

“As excitações que o pedófilo tentou suprimir retornam sob a forma de ataque à lei”

vê diante desta tarefa é refém de sua própria experiência subjetiva, sucumbe ao ato de descarga do impulso. A violência e a pedofilia são expressões disto, e quem as pratica o faz para preencher uma necessidade de vazio interior. Alguma coisa dentro do agressor morreu, e a violência e a pedofilia são expressões disto.

IHU On-Line - A pedofilia é uma das maiores expressões da violência masculina? Por quê?

Sócrates Nolasco - A pedofilia é expressão de uma dimensão da experiência humana, que nos coloca diante de um conjunto de excitações que foram negadas, negligenciadas ou que o sujeito tentou eliminar de si mesmo. Esta atitude de violência do sujeito para consigo mesmo resulta na expressão da violência contra uma criança. A pedofilia remete a estados regressivos onde a diferenciação entre afeto e necessidade não se fez. Ela se refere à negação das faltas que constituem o sujeito. São carências de afeto que não foram atendidas e que tornam o pedófilo alguém imaturo sexual e afetivamente. Ele é alguém que precisa de uma prerrogativa para ter prazer, e, por isso, toma a criança como objeto de desejo, como se ela fosse uma extensão de seu mundo. O pedófilo procura na criança um alimento emocional através do veio sexual. Na pedofilia, há uma inversão de papéis, pois aquele que cuida reivindica sexualmente o cuidado por parte de criança abusada.

A vida se manifesta por excitações. A fome, o frio e a dor são exemplos disto. Todavia, para um bebê que experimenta cada uma delas, sem ter recursos para nomeá-las, bem como para satisfazê-las por si mesmo, é inicialmente uma experiência de angústia. Portanto, o que irá reduzir a sensação de angústia será não só a satisfação

da necessidade, mas a certeza de ter alguém que cuida, nomeia o que acontece com ele, um continente.

Pedofilia e ataque à lei

Este alguém a quem o bebê se vincula não dará apenas nomes ao que acontece com ele, mas o fará se sentir reconhecido a partir de suas experiências de satisfação. Nesta experiência de reconhecimento e afeto, a lei se firma como marco de desejo. Se a palavra é ineficaz, a vivência amorosa o fará suportar não saber sobre si mesmo.

Aquele que nega em si o que o excita, constitui-se como um outro na clandestinidade. A criança tomada como objeto de desejo é traída em sua inocência, como muitos homens que, ao negarem suas necessidades mais primitivas sob o risco de perderem a masculinidade, também se traem. Para eles, a violência está em recusar ou tentar suprimir determinadas excitações, porque elas são inadequadas à ideia de masculinidade. A consequência disto é que eles ficam subformados emocional e sexualmente, dependendo de uma criança para ter prazer. Por este motivo, as excitações que o pedófilo tentou suprimir retornam sob a forma de ataque à lei. A pedofilia é um conflito da ordem da negação de excitações que constituem o sujeito. Os homens são os que mais fazem isto a eles mesmos, pois, assim, creem que serão homens.

IHU On-Line - Psicanaliticamente, como podemos compreender a pedofilia? É uma perversão, uma doença? Quais são os motivos que levam alguém a se tornar pedófilo?

Sócrates Nolasco - A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a pedofilia como um desvio sexual, que pode ser praticado, também, por jovens de 15 ou 16 anos com púberes, cinco anos mais jovem que eles. Não há, na obra de Freud, uma referência à pedofilia. Se há um conflito psíquico que promova esta situação, esse não se encontra localizado entre ego ou superego, ou ainda entre o ego e a realidade, mas entre o ego e a lei. A lei proíbe que um adulto mantenha relações sexuais com

uma criança, porque ele não consegue frear o que desconhece em si, fazendo parar, por ele mesmo, seus impulsos. Por meio da lei e da palavra, sabemos sobre nossa natureza.

A palavra fome dá um alento às excitações que reivindicam satisfação, a ausência da mesma provoca desconforto. O destino humano é povoar de nomes os silêncios existentes dentro de cada um, pois foram criados quando tentaram fazer desaparecer algumas excitações. A palavra tem como propriedade conduzir as excitações à satisfação. Todavia, por vezes são ineficazes. A lei se firma neste momento.

Falamos por não darmos conta de nossas excitações, que, em parte, se satisfazem com as palavras. Falando, conseguimos dar sentido a elas, é o que aprendemos dentro de nossas primeiras relações. As relações são lugares onde palavra e lei são apresentadas. Quando um bebê é cuidado, suas excitações cedem, submetendo-se aos parâmetros de quem cuida. Este tipo de vínculo amoroso, realizado por uma *mãe suficientemente boa*, confere autonomia ao sujeito, para que ele possa conhecer a si mesmo a partir de suas excitações.

Incesto e pedofilia

A mitologia grega apresenta Laio, pai de Édipo, como sendo o primeiro pederasta. Após sofrer perseguições políticas, Laio é acolhido por Pélopes, pai do belíssimo e púbere Crísipo. Pélopes confere a Laio a tutoria de Crísipo por quem ele se apaixona. Laio rompe com Crísipo e este se mata. Desolado, Pélopes amaldiçoa Laio, dizendo: terás um filho que casará com tua esposa e te matará. O incesto precede a pedofilia que o modela. Há uma relação entre incesto e pedofilia. Se observarmos como se constituíram os vínculos entre o (a) pedófilo e seus pais, teremos alguns indicadores de como a situação se configurou, mesmo porque o incesto é praticado tanto por pai quanto por mãe (ou pessoas da confiança da criança). Nela, sexo e afeto se confundem, fazendo com que o sujeito não consiga distinguir suas necessidades afetivas, usando o sexo para atendê-las. O sexo com

“O sexo com uma criança afasta do agressor suas inseguranças de rejeição. O pedófilo se vê diante de suas excitações como uma criança suja, que precisa de outra para se satisfazer e castigar”

uma criança afasta do agressor suas inseguranças de rejeição. O pedófilo se vê diante de suas excitações como uma criança suja, que precisa de outra para se satisfazer e castigar.

IHU On-Line - Dentro da história da sexualidade, quando a pedofilia passou a ser uma prática condenável?

Sócrates Nolasco - Encontramos relatos de pedofilia desde a Grécia. Eles também existiam no Império romano, onde crianças eram usadas para satisfação sexual de adultos. Isto também pode ser observado no Islamismo. Em alguns países, esta situação durou até começo do século XX, como podemos identificar na Argélia.

IHU On-Line - A partir da perspectiva histórica, como analisa a pedofilia em relação à sacralização da infância?

Sócrates Nolasco - Na História da Sexualidade, Foucault¹ parte da constata-

¹ Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. Em duas edições a IHU On-Line dedicou maté-

tação de que aprendemos a ver a sexualidade como a crônica da repressão crescente, diz. Ele fala sobre a *histerização* do corpo da mulher, que é analisado como corpo saturado de sexualidade, integrado no campo médico, posto em comunicação com o corpo social, com o espaço familiar e com a vida dos filhos. Depois, a *pedagogização* do sexo da criança: afirmação de que todas as crianças se entregam a uma atividade sexual indevida, ao mesmo tempo natural e contrária à natureza, cuja responsabilidade deve ser assumida pelas famílias, por educadores, psicólogos e médicos. Por sua vez, a *psiquiatrização* do prazer perverso, através das quais se analisou as formas de anomalias sexuais e procurou-se produzir tecnologias de correção.

Até a Renascença, encontramos relatos de abandono, negligência e maus tratos dados às crianças. A mortalidade infantil nesta época era bastante elevada. No século XV, era comum encontrar narrativas de morte de crianças por sufocação impetrada por um adulto. O abandono chegou a tal ponto que se iniciou a construção de asilos para crianças.

Já no século XIX, um duplo movimento perpassa as relações entre pais e filhos. Por um lado, há um investimento crescente no filho de forma extremamente coercitiva. A ele não se devia fazer carinhos nem dirigir palavras ternas. As crianças eram acoitadas, como estratégia de educação. A partir de 1850, quando uma criança morria, tomava-se o luto como se fazia com um adulto. Daí em diante, a infância é vista como um momento privilegiado da vida. É assim que a infância se torna fundadora da vida, e a **criança vira uma pessoa.**

ria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMjZ>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível para download em <http://migre.me/vMjD> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico, disponível em <http://migre.me/zASO>. (Nota da IHU On-Line)

“A pedofilia existia muito antes da infância ser inventada, mas a ambiguidade das sociedades quanto ao tratamento dado às crianças se manteve concomitante com a presença da pedofilia”

Invenção da infância e pedofilia

No século XX, as menções feitas ao incesto e à pedofilia são para desaconselhá-los. Todavia, uma tendência à permissividade e à liberação de possibilidades sexuais aumentou a partir dos anos 1960. É o que encontramos em revistas como *Union*, que recomendavam a troca de parceiros, mas reforçava que um pai deveria dizer não à sua filha, se ela continuasse a provocá-lo constantemente. Nos anos 1980, um dos textos desta revista, dirigido a um pai, dizia: desaconselhamos vivamente a masturbar uma menina de doze anos ou a praticar nela carícias orais ou qualquer outra forma de aproximação sexual. É absolutamente proibido por lei, e, portanto, extremamente perigoso (você corre o risco de ser preso, com interrogatório policial e tudo mais).

A pedofilia existia muito antes da infância ser inventada, mas a ambiguidade das sociedades quanto ao tratamento dado às crianças se manteve concomitante com a presença da pedofilia. As dúvidas sobre a infância nos fazem pensar sobre aquelas que temos sobre nossas próprias excitações. Desqualificamos as crianças do mesmo modo que fazemos com o que primitivamente nos constitui.

A violência contra crianças, infelizmente, ainda é mais aceita que a pedofilia. Enquanto que a pedofilia é condenada, os maus tratos crescem em proporções dramáticas. Atualmente, a pedofilia que atinge o filho ou filha do outro não atinge os demais. Isto é expressão da violência e da solidão que vive o sujeito nos dias de hoje, a mesma vivida pela criança quando se deixa seduzir pelo pedófilo.

o declínio da autoridade paterna, ou mesmo o delírio de autonomia do sujeito, a uma violência que se expressa neste tipo de sexualidade, de um pai autoritário que abusa de seus filhos, por exemplo?

Sócrates Nolasco - A pedofilia é a marca do empobrecimento e da miséria interior. Ela atesta o declínio de um sujeito que está preso a dimensões de sua vida que desconhece e não sabe como gerenciar. A experiência emocional exige contato consigo mesmo e determinação para saber que tipo de sujeito se deseja ser na vida.

O pedófilo não tem sua vida nas mãos, vive a mercê de impulsos, sem os quais não se sente vivo. É alguém embotado diante da afetividade e sexualidade adulta. Acha-se intocável, e, por isso, está nas sombras da lei. Esta forma de prazer poderia estar associada ao declínio da autoridade paterna se não a encontrássemos em diferentes momentos da história.

A pedofilia se produz numa inversão na qual o adulto sai do seu lugar para ser atendido em suas demandas por uma criança. Ele se sente impotente diante da própria vida, e, por isso, busca uma criança que possa manipular, afrontar ou ameaçar, ter algum tipo de poder. Assim como no caso do incesto, a pedofilia tem seus codependentes, pessoas próximas que consentem silenciosamente com a atitude do abusador. Onde há pedófilos, há uma rede social que os mantém. Eles não sobrevivem por eles mesmos.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Sócrates Nolasco à IHU On-Line.

* *A violência tem sexo*. IHU On-Line número 150, de 08-08-2005, disponível para download em <http://migre.me/yEsF>

Leias as Notícias do Dia em
www.ihu.unisinos.br

As marcas indelévels da pedofilia

Vítimas dessa violência carregam para sempre problemas com sua sexualidade, acentua o psicanalista Nazir Hamad. Aos adultos cabe ajudar a criança a socializar suas pulsões; inocência infantil é fonte de atração para o perverso

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“O adulto casto deve socializar as pulsões da criança quando esta se deixa ultrapassar. O adulto casto, tanto mais quando se trata de seus parentes ou de um padre, deve ajudar a criança a expressar com palavras o que lhe acontece. Ele deve educá-la para o respeito de seu corpo e para o respeito dos corpos dos outros”. As afirmações são do psicanalista libanês radicado na França, Nazir Hamad, em entrevista à **IHU On-Line**, por e-mail. De acordo com ele, “quanto menos a criança sabe, mais ela atrai o perverso”. Os efeitos da pedofilia na vida da criança molestada são indelévels. “Essas sequelas se traduzem frequentemente por dificuldades em ter uma vida sexual normal, mas, sobretudo uma interferência de marcas simbólicas que nos inscrevem como membros numa cultura e numa comunidade humana. Em outros termos, a maior dificuldade para elas é de se situar quanto às gerações e quanto ao elo de parentesco”. A respeito da polêmica recente em torno da pedofilia e da Igreja, Hamad afirma que esta é uma instituição composta por homens falíveis, ainda que consagrados a Deus. “É agora necessário, mais do que nunca, que a Igreja reveja sua posição referente ao celibato”.

Nazir Hamad é especialista na área de adoção de crianças, e psicanalista da Association Freudienne Internationale (AFI). Atuou durante anos junto à ASE (Action Sociale à l'Enfance), órgão francês responsável pela emissão dos certificados que orientam a habilitação dos candidatos à adoção. Escreveu, entre outros, *A criança adotiva e suas famílias* (Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004) e *Um homem de palavra* (Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que os atos de pedofilia não são, necessariamente, obra de alguém perverso?

Nazir Hamad - O perverso é aquele que tem uma relação particular com a lei. Entendemos por lei, a lei que rege o interdito do incesto e a diferença de sexos. Ele não aceita que haja algo que regule a relação entre as pessoas e entre os sexos e as gerações. Ele quer organizar o mundo a serviço de seu deleite. O fetichista, por exemplo, não aceita a ideia que uma mulher seja desprovida de falo. Sua sexualidade, bem como seu gozo, organiza-se em torno de um objeto que vem encobrir para ele a ausência do pênis na mulher. Um objeto qualquer, calçados, uma meia, um pé ou sei lá o quê, vem ocupar para ele a função de véu que cobre a castração da mulher. Seu fetiche organiza para

“A Igreja não é perversa. O homem é perverso”

ele o chamariz de sua não castração. A criança é a vítima típica para o pedófilo, pelo fato de seu não-saber sobre a sexualidade genital, e pelo fato de que ela esteja em uma relação de confiança com o adulto. Seu não saber sobre o sexo, seu corpo que se deleita em seu contato com o corpo maternal; seu desejo de se oferecer como objeto de deleite a seu Outro maternal faz com que este corpo seja o primeiro receptáculo das emoções que são, ao mesmo tempo, sensações, mas também a matriz da linguagem. A mãe sabe colocar limites a este gozo e também sabe significar que seu amor por ele exclui o desejo em seu sentido sexual. Seu desejo vai para o homem que ela ama, seja ele o

pai ou não. A mãe perversa cultiva este gozo na medida em que ela confunde amor e desejo.

É justamente neste plano que a frase de Jesus “deixai vir a mim as crianças” é particular. Dizendo isso, Jesus é supostamente casto. Seu amor exclui forçadamente seu desejo. Os pintores, depois que a pintura invadiu os muros de nossas igrejas e catedrais, nos apresentam crianças, seja o menino Jesus ou os anjos como pequenos seres roliços, desnudados e se confiam aos padres e aos clérigos. Confiando, a criança se entrega ao adulto e tende a tudo receber do adulto como algo normal. Um pai que maltrata, por exemplo, acaba por fazer dos maus tratos algo normal na relação

da criança com seu pai. Um padre que se deixa enternecer por seu desejo pela criança, acaba por habituar a criança aos seus toques como algo normal na relação do adulto com a criança. Pior ainda, suas atitudes não implicam sua responsabilidade somente enquanto pessoa, elas implicam este Outro a serviço do qual ele reza e recebe as crianças. É este Outro, Deus, que vem abonar o que acontece como mal à criança. E se, além disso, um padre que se confessa se vê perdoado, então é claro que para a criança e para qualquer um inscrito como membro da Igreja, Deus se lhe revela como um Deus perverso.

O homem é perverso

A Igreja não é perversa. O homem é perverso. O homem que é forçado a lutar contra seu desejo, sabendo, ao mesmo tempo, que enfrenta uma batalha antecipadamente perdida, não é senão um simples homem. A posição da Igreja é tanto mais ambígua que ela perdoa, ao invés de se questionar quanto ao próprio objeto do celibato. Quanto mais duro é lutar contra seu desejo sexual, mais os clérigos são impelidos a fechar os olhos sobre os comportamentos de seus homens. A Igreja, por aquilo que ela exige de seus padres, é vítima de sua visão errônea do homem e de sua relação com seu desejo. Um padre que age mal com uma criança não é forçosamente um perverso, mas um pobre sujeito que, por força de lutar contra seu desejo, acaba um dia por fazer uma passagem ao ato terrível para a criança e para ele próprio também. Há padres que sofrem profundamente pelo que lhes aconteceu, mas há outros também que sabem que eles são acobertados, e isso os torna insaciáveis. Deus que perdoa se torna o Deus que acoberta suas ações e sua conduta. Este é justamente o sonho de todo perverso. Seu sonho é fazer de Deus alguém à sua imagem, alguém que acoberta seu desejo. Eis como a Igreja corre o risco de se tornar perversa. Ela o é forçosamente na medida em que perdoar não tem outro sentido do que encobrir e, conseqüentemente, abonar.

O celibato, neste sentido, é a vir-

“A posição da Igreja é tanto mais ambígua que ela perdoa, ao invés de se questionar quanto ao próprio objeto do celibato”

tude do perverso. É o perverso que vai reivindicá-lo, posicionando-se como seu defensor. Isso não é assombroso de sua parte, porque ele teria feito da lei da Igreja uma lei que é a sua e está a serviço de seu prazer.

É agora necessário, mais do que nunca, que a Igreja reveja sua posição referente ao celibato. Recusando uma vez mais a aceitar esta realidade simples que um homem é falível, mesmo se ele consagra sua vida a Deus, ela terá escolhido submeter-se à norma desses perversos.

IHU On-Line - Como podemos compreender a relação instintiva das crianças em relação à sua sexualidade, e a reação indomada dos adultos?

Nazir Hamad - O adulto casto deve socializar as pulsões da criança quando esta se deixa ultrapassar. O adulto casto, tanto mais quando se trata de seus parentes ou de um padre, deve ajudar a criança a expressar com palavras o que lhe acontece. Ele deve educá-la para o respeito de seu corpo e para o respeito dos corpos dos outros. Uma criança que se acaricia sobre os joelhos do adulto ou em sua presença, o toma como testemunha do que lhe acontece. O adulto, tanto mais quando ele é casto, deve significar à criança que ela não tem o direito de se servir de seu corpo para excitar seus sentidos. Uma criança que se acaricia o faz, muitas vezes, porque ela se aborrece. Ela luta contra o sentimento de vazio despertando seus sentidos. Basta falar-lhe ou propor-lhe um jogo de sociedade, por exemplo, para re-situar esta criança na alegria de viver.

Não é preciso se enganar com aparências. Não é porque a criança se acaricia que devemos concluir que temos a ver com um perverso em formação. Quan-

do ela o faz, ela luta contra o fastio, ou ainda, ela é invadida (dominada) por seu corpo. É a interpretação do adulto que é perversa. O sexo propriamente dito é o adulto que o introduz na vida da criança quando esta confia seu corpo e pulsão à arbitrariedade de um adulto incapaz de respeitar seu corpo e sua pessoa. E, quando é este o caso, a criança não sabe discriminar entre o que se faz e o que não se faz. Isso faz parte da educação, e esta é o domínio do adulto.

IHU On-Line - Como podemos entender que a maior parte dos casos de pedofilia acontece dentro da própria família? Em que medida isso é um sinal de dissolução desta instituição?

Nazir Hamad - A pedofilia deve ser diferenciada do que se chama de toques sexuais. A pedofilia é o ato sexual que o adulto pedófilo faz uma criança sofrer quando ela se encontra na relação de confiança com ele. Ela está tanto mais numa relação de confiança quando se trata de uma pessoa de seu entorno imediato. O pedófilo é atraído pelo não-saber da criança, ou, para dizê-lo em linguagem corrente, por sua inocência. Sade sabia algo sobre isso quando escreveu seu famoso livro *Os infortúnios da virtude*. Quanto mais uma mulher é virtuosa, mais ela excita os convivas de Sartre¹. Quanto menos a criança sabe, mais ela atrai o perverso. É um pouco como o esquiador obstinado: seu prazer consiste em fazer seu sulco na neve fresca.

Em minha experiência clínica, fiquei sabendo de toques sexuais cometidos pelos pais e, de tempos em tempos, casos de violação caracterizados e cometidos por um amigo da mãe com sua própria filha. Alguns desses homens violaram filhas durante anos antes que o fato fosse conhecido. A gente se pergunta

¹ Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu *ensaio O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

“O pedófilo é atraído pelo não-saber da criança, ou, para dizê-lo em linguagem corrente, por sua inocência”

como é que uma mãe atenta não tenha notado nada sobre o corpo de sua filha ou sobre sua maneira de ser em casa. É o caso de acreditar que se trata, muitas vezes, de mães mais ou menos coniventes que entregam suas filhas, ou suas crianças, às pessoas que as circundam. Essas mães são, muitas vezes, coniventes, mas à sua revelia.

IHU On-Line - Quais são as consequências da pedofilia para o psiquismo da criança e como esse fato pode retroagir em sua vida adulta?

Nazir Hamad - As crianças que sofreram tal violência guardam sequelas indeléveis. Essas sequelas se traduzem frequentemente por dificuldades em ter uma vida sexual normal, mas, sobretudo uma interferência de marcas simbólicas que nos inscrevem como membros numa cultura e numa comunidade humana. Em outros termos, a maior dificuldade para elas é de se situar quanto às gerações e quanto ao elo de parentesco.

IHU On-Line - Em sua experiência psicanalítica, qual é a realidade sobre a pedofilia com crianças adotadas? Há maior incidência de casos entre esse grupo de crianças?

Nazir Hamad - Nada nos diz que as crianças adotadas sejam com mais frequência vítimas dos abusos sexuais do que as crianças biológicas. Isso quer dizer que o elo de parentesco em adoção introduz o interdito do incesto, como é normalmente o caso na família biológica.

LEIA MAIS...

Confira o artigo exclusivo de Nazir Hamad às **Notícias do Dia** do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

* A pedofilia e a questão do celibato. Notícias do Dia 15-04-2010, disponível para download em <http://migre.me/yHD1>

A paranoia em torno da pedofilia

Jornalista francês Philippe Di Folco alerta para os “mecanismos de prudência” instalados para combater a pedofilia. É preciso ter bom senso, acentua. As pornografia não interferem sobre os delitos sexuais, analisa

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Não se pode generalizar quando o assunto é pedofilia, acentua o jornalista francês Philippe Di Folco, em entrevista exclusiva, concedida, por e-mail, à IHU On-Line. É preciso julgar caso a caso já que “cada ser é um percurso singular, cada humano é uma história única, que é uma acumulação de encontros, de discrepâncias, de pulsões, de impulsos para diversas formas de conhecimento, reconhecida como mais ou menos útil”. Ele alerta para a verdadeira paranoia que se criou em torno do tema. Mecanismos de prudência estão instalados por toda parte, destaca, “para evitar todo risco de ‘derrapagem’ e, por decorrência, todo risco de contato simplesmente linguístico”. Tal preocupação não é salutar, diz Di Folco: “as crianças necessitam, para tornar-se adultas, de um freio, mas também de ver o mundo de verdade, de correr risco, de aprender o que é o risco, o perigo, e, portanto, a vida”. Quanto à relação entre pedofilia e pornografia, ele questiona: “Como compreender as amálgamas entre o que é da ordem da ficção, nutrindo-se de fantasmas, de imaginários sexuais, e o que efetivamente tem lugar, portanto, fatos, em termos de direito comum, isto é, o abuso sexual contra o menor?” Em sua opinião, as diferentes pornografia “não interferem mais sobre o aumento, ou não, dos delitos sexuais contra o menor do que um filme de gângster influencia sobre os ataques à mão armada”.

Philippe Di Folco é o organizador de *Dictionnaire de la pornographie* (Paris: PUF, 2005). É escritor e ensaísta. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que significa a palavra pedofilia? É “amar crianças”, “gostar de crianças”, ou o “prazer de ter relações sexuais com elas”?

Philippe Di Folco - Esta palavra “pedofilia”, em vista de sua arqueologia, é uma “patologia verbal”, saída dos estudos proto-psiquiátricos dos anos 1880, ou se quiser, é uma invenção linguística que deu lugar a um abuso de linguagem homologada pelo uso corrente (um lugar comum, um clichê). Ela nasceu da aliança de duas raízes gregas: *pais*, *paidos*, significando “criança” e *philein*, “amar

por amizade”. Em meados do século XIX, a criança e o adolescente obtêm um status social: eles existem, são vistos, se pensa neles em termos de direito, de obrigação (*Kindergarten*, escola pública elementar obrigatória etc.). De fato, na língua francesa (não sei dizer para as outras línguas), não existe nenhuma palavra para expressar “o desejo de um ato sexual com uma criança”, sabendo que este desejo seria condenado, já que isso significaria instaurar um policiamento dos fantasmas e dos sonhos, como em qualquer romance de antecipação

(assim, é ridículo condenar as obras de René Scherer¹, de Tony Duvert², ou de Gabriel Matzneff³).

A partir dos anos 1950-60, conceitos saídos do Direito e da Lei, da Religião, da Psicanálise, apelam a termos tais como violação, abuso, desvio e, por vezes, de maneira eufemística, achego e perversão. Este regime jurídico-linguístico comum, visa, pelo menos no Ocidente, ou antes, na esfera euro-americana, a proteger os menores, isto é, os humanos que não atingiram a idade da maioridade sexual (que é diferente da maioridade cidadã: nos Estados Unidos até há três graus de maioridade: 16 anos para a condução de automóveis, 18 anos para a votação e o sexo, 21 anos para o álcool). O que significa esta “idade da maioridade”? É o momento em que se estima que um indivíduo seja capaz de tomar uma boa decisão por ela mesma, a qual não ponha em perigo sua saúde física e mental. Mas tudo isso está longe de ser racional e sofre numerosas exceções. Por que o Estado deveria incumbir-se, preocupar-se com nossos jovens corpos? Com que objetivos? E o que é de fato essa saúde mental? Existiria um modelo perfeito para o qual cada uma e cada um deveria tender, o do “cidadão responsável e bom pai / boa mãe de família”? Vê-se bem, pelos fatos, que não.

IHU On-Line - Em sua relação com as crianças, a pessoa qualificada como pedófila põe em prática seus desejos. De outro lado, certos aficionados à pornografia parecem ávidos, através de filmes, de tais representações. Como entender esse limite que separa os fantasmas de sua passagem ao ato e, mais especificamente, de que ato se fala aqui, como por exemplo, o de alguém que não pode decidir por si mesmo?

Philippe Di Folco - As pornografias, aqui consideradas como visuais, obe-

“É de causar espanto que muito cedo a criança, e depois o jovem adolescente, vá procurar na Internet ‘foros’, lugares de socialização, experiências, meios a fim de conhecer seu corpo, sob risco de pô-lo em perigo?”

decem à oferta e à demanda: existe uma demanda de representações, de ficções pedófilas, portanto de atrizes / atores, de realizadores e de produtores para efetivamente produzirem tais ficções que, sob a forma de produtos visuais (DVD, site da Internet, revistas impressas) aparecem no mercado. O mercado absolutamente não é unificado ou unívoco: por exemplo, as sexualidades japonesas (ou seus códigos sexuais) diferem das outras esferas sexuais simbólicas: pense no fantasma da “filhinha falsamente inocente” etc. Numa mesma ordem de ideias, os códigos evoluem com o tempo: na Euro-América, Lewis Carroll⁴, se ele vivesse hoje, seria, sem dúvida, qualificado de pedófilo (de fato, ele o foi, ele o diz em suas cartas, no sentido de 1880: “amizade/amor pelas crianças”).

É preciso, além disso, distinguir as encenações pedófilas (falsos corpos adolescentes etc.) das verdadeiras produções de caráter pedófilo que, pessoalmente, eu jamais vi. É um pouco o

mesmo problema que o “snuff movie”: se está entre o rumor, a lenda urbana e a realidade de um mercado liberal onde tudo parece possível. Eu não digo que tudo isso não existe, eu digo simplesmente que aquela ou aquele - e isso, mesmo que essa pessoa seja menor - que quer ver material pedófilo o obtém sem dúvida mais facilmente do que há um século. E agora, o que fazer?

Como compreender as amálgamas entre o que é da ordem da ficção, nutrido-se de fantasmas, de imaginários sexuais, e o que efetivamente tem lugar, portanto, fatos, em termos de direito comum, isto é, o abuso sexual contra o menor? Creio que é preciso confiar em nossas democracias, em seus sistemas jurídicos que sabem julgar os fatos e, portanto, gerenciar caso a caso: por exemplo, nossos jurados deliberam em segredo, e é por aí que nos aproximamos o mais possível da noção do justo. Isso é paradoxal, mas serve para se opor à vingança popular, ao linchamento, aos julgamentos do “levar a melhor”, aos amálgamas veiculados por certa imprensa populista... É preciso crer na sociedade quando ela é capaz, graças às ferramentas fundamentais que são as assembleias eleitas, os juizes independentes, os advogados, os jurados populares, e um direito capaz de evoluir pela jurisprudência, de contrapor-se a esses amálgamas e assim evitar que seja aviltada ou empregada exageradamente a noção de pedofilia, ou de ser confundida com as pornografias.

IHU On-Line - Numa entrevista anterior para nossa publicação, o senhor declarou ser errônea a ideia de que a pornografia conduz a uma argumentação dos atos de pedofilia. Por quê?
Philippe Di Folco - Eu trabalhei nos anos 2003-2005, durante a elaboração do *Dictionnaire de la pornographie* (Paris: PUF, 2005), com pessoas incumbidas da vigilância sobre as redes eletrônicas na França para tudo o que liberasse representações de caráter pedófilo comprovado. Discutindo na ocasião com esses serviços de controle estatais, e também com pesquisadores especializados nas sexualidades (Ph.

1 René Scherer (1922): filósofo francês, autor de, entre outros, *Une érotique puérile, Émile perversi ou Des rapports entre l'éducation et la sexualité* e *L'Emprise. Des enfants entre nous*. (Nota da IHU On-Line)

2 Tony Duvert (1945): escritor francês cujos temas principais de sua obra são a crítica da família e a pedofilia. (Nota da IHU On-Line)

3 Gabriel Matzneff (1936): escritor francês de origem russa. (Nota da IHU On-Line)

4 Lewis Carroll (1832 - 1898): pseudônimo adotado pelo matemático e escritor Charles Lutwidge Dodson, que nasceu em Cheshire, Inglaterra. Sua fama vem mais de seus dois livros infantis, *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Através do espelho* (1872), ambos escritos sob inspiração de Alice Liddell, filha do deão da Christ Church, de apenas 10 anos de idade, por quem ele nutria uma paixão platônica. (Nota da IHU On-Line)

Brenot⁵, A. Giami⁶), e tendo frequentemente contatos com juristas e filósofos do direito (R. Ogien⁷), continuo dizendo que as diferentes pornografias, tais como elas se manifestam hoje, em sua amplitude, sua rapidez de circulação, seus delírios, não interferem mais sobre o aumento ou não dos delitos sexuais contra o menor do que um filme de gângster influencia sobre os ataques à mão armada. Não é George Clooney⁸ com *Ocean 13* que explica o aumento dos arrombamentos, nem é a série *Saw* que explica o fato de ainda haver assassinos em série. Nem mesmo menciono a série televisiva *Dexter!*

IHU On-Line - Você escreve que não se pode pensar a pornografia em termos de “pânico moral”. É possível dizer a mesma coisa sobre a pedofilia? Por quê?

Philippe Di Folco - A locução “pânico moral” é empregada pelo filósofo Ruwen Ogien para intitular sua obra publicada pela editora Grasset em outubro de 2004. Este estudo, muito preciso, está ligado ao seu precedente ensaio *Penser la pornographie* (2003). Ogien mostra que a pornografia visual provoca reações de enlouquecimento e, eu cito “que a partir do momento em que se aceita [...] os princípios de uma *ética minimalista*, não existe nenhuma razão para estigmatizar a pornografia visual como um ‘gênero imoral’” (*LPM*, 10-11). A pedofilia enlouquece, é o mínimo que se pode dizer: ela provoca grandes títulos na imprensa

5 **Philippe Brenot** (1948): médico psiquiatra, antropólogo, e diretor de estudos na Universidade Paris Descartes. Estuda a antropologia da sexualidade humana. De sua produção bibliográfica, citamos, *Le sexe et l'amour, Éloge de la masturbation* e *L'Éducation sexuelle*. (Nota da IHU On-Line)

6 **Alain Giami** (1952): cientista social francês cujos trabalhos mesclam o tema da sexualidade sob enfoques psicológicos, sociológicos e históricos. (Nota da IHU On-Line)

7 **Ruwen Ogien**: filósofo francês, diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), onde escreve sobre filosofia moral e das ciências sociais. Entre suas obras, destacamos *Penser la pornographie* (Paris: PUF, 2003), *La philosophie morale* (Paris: PUF, 2004), *La panique morale* (Paris: Grasset et Fasquelle, 2004). Concedeu entrevista à edição 173 da IHU On-Line, de 27-03-2006, intitulada *Por uma ética antipaternalista*, disponível em <http://migre.me/zCzj>. (Nota da IHU On-Line)

8 **George Timothy Clooney** (1961): ator e diretor de cinema e televisão estadunidense. (Nota da IHU On-Line)

“Pedofilia enlouquece, é o mínimo que se pode dizer”

sa (caso Outreau, resenha pedofílica austríaca, caso dos padres irlandeses e do Vaticano etc.), ela inquieta, pois, no coração do lar, os pais e as crianças e, no terreno público, as instituições educacionais e repressivas.

O fato de que, durante séculos, em Atenas, velhos professores tinham o dever de se ocupar sexualmente de seus alunos-garotos antes que eles se tornassem “Andrei”, isto é, homens (barbeados, em idade de se casar e de combater, de assumir a responsabilidade de um lar), não faz do filósofo ateniense um monstro, não macula em nada a dimensão moral do pensamento antigo. O fato de que R. Polański⁹ tenha dormido com uma jovem moça de 13 anos, em 1977, não faz deste cineasta um monstro e não condena sua obra à execração pública (ou à “morte civil”). O fato de que, no segredo do lar, crianças durmam com seus pais, como é o caso na Itália, por exemplo, não leva a se julgar dito lar como ninho de uma série de atos sexuais. Kant¹⁰ reivindicava a neutralidade de julgamento ante

9 **Roman Rajmund Polański** (1933): cineasta, produtor, roteirista e ator franco-polonês. (Nota da IHU On-Line)

10 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prusiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

as maneiras de viver pessoais e se abstinha de toda justificação religiosa ou metafísica. Eu digo simplesmente que se devem evitar os amálgamas, as generalidades, colocar todo o mundo num mesmo saco, notadamente os pais: é preciso julgar caso a caso, cada ser é um percurso singular, cada humano é uma história única, que é uma acumulação de encontros, de discrepâncias, de pulsões, de impulsos para diversas formas de conhecimento, reconhecida como mais ou menos útil.

IHU On-Line - O que a atual classificação de pornografia e pedofilia diz sobre a sexualidade e as “escrituras do corpo” do sujeito no início do século XXI?

Philippe Di Folco - Eu digo com bastante frequência: lembrem-se de sua infância. O que vocês sentiam quando, pelos 7 ou 8 anos, estavam no meio de uma reunião de adultos que se pavoneavam? Você sentia uma impaciência em crescer, em se tornar como eles? É o que mostra Almodóvar¹¹ em *La mauvaise éducation* (A má educação): no final das contas, não houve morte de ninguém, o pai Manolo não matou ninguém, e a criança, seu corpo, conheceu o desejo, depois o reconheceu, aprendeu a lidar com ele, a se educar, a crescer. A coisa que bloqueia é instalar sistemas de controle para evitar, *não importa a que preço* (inclusive em nome das liberdades fundamentais), e impedir todo ato que tenderia a tornar-se pedófilo. Assim, imagine-se apenas, num jardim público, com crianças brincando sob a vigilância de seus pais. Você decidiria falar com uma criança? Creio que, bem em breve, isso não será mais possível. Mecanismos de prudência quase paranóicos se instalam por toda parte para evitar todo risco de “derrapagem” e, por decorrência, todo risco de contato simplesmente linguístico. Ora, as crianças necessitam, para tornarem-se adultas, de um freio, mas também de ver o mundo de verdade, de correr risco, de aprender o que é o risco, o perigo, e, portanto, a vida. O fechamento, o contingenciamento das crianças, do lar à escola, passando por centros esportivos - será isso o que nós queremos?

11 **Pedro Almodóvar Caballero** (1949): cineasta, ator e argumentista espanhol. (Nota da IHU On-Line)

“O fato de que R. Polański tenha dormido com uma jovem moça de 13 anos, em 1977, não faz deste realizador um monstro e não condena sua obra à execração pública (ou à ‘morte civil’)”

É de causar espanto que muito cedo a criança, e depois o jovem adolescente, vá procurar na Internet “foros”, lugares de socialização, experiências, meios a fim de conhecer seu corpo, sob risco de pô-lo em perigo?

IHU On-Line - Qual é seu ponto de vista sobre a opinião pública em referência à pedofilia?

Philippe Di Folco - Uma vez mais, é muito difícil julgar globalmente a opinião. As sondagens nada provam. Nem os grandes títulos da imprensa e, ainda menos um “caso”. Recordemos que, na França, em 1973, por ocasião do caso Bruay em Artois, suspeitou-se de um notário local que teria violado e matado uma adolescente: imediatamente, segundo o contexto sócio-político da época, isso se tornou o “crime dos burgueses” contra os filhos de operários. Nem Marx¹², nem Emile Zola¹³ jamais exigiram tanto! Em 1898, em seu *Eu acuso!*, quando ele fustiga o antisemitismo consubstancial de uma época, mas também e sobretudo o nacionalismo histérico, o ódio antialemão que nos deveria conduzir à carnificina de 1914-18 (e ao massacre de milhões de jovens euro-americanos), em suma,

12 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos *Cadernos IHU ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. (Nota da IHU On-Line)

13 Émile Zola (1840-1902): escritor francês. Criou o movimento literário chamado naturalismo, segundo o qual se aplicava à descrição dos fatos humanos e sociais o rigor científico. Além de romancista foi também jornalista. Escreveu *O ventre de Paris* (1873); *A taberna* (1877); *Naná* (1880); *Germinal* (1885). (Nota da IHU On-Line)

quando ele, o escritor, se agarra ao dispositivo perverso de uma sociedade cegada por crenças, pelo fanatismo, pelo pânico, o qual foi sabiamente mantido pela ideia de revanche, de desforra, se está num grande momento de puro pensamento midiático. Daquele pensamento que modela, que modifica o decurso da História e que é, e isso eu afirmo, fundamentalmente pedo-criminosa: é sempre o jovem que deve combater e, portanto, morrer para proteger a retaguarda, ou seja, os velhos. Em casos de fome, é o filho que marcha primeiro. As usinas absorvem o trabalho dos filhos e, portanto, suas jovens forças.

Tenho confiança nos espíritos clarividentes de nossa época. Sempre os haverá. Tento, de minha parte, permanecer vigilante. E, para retomar a advertência de Fritz Lang¹⁴ no final de *M le Maudit*, *M o Maldito*: “Presto muita atenção ao meu filho”, isso quer dizer que eu creio no cuidado, que eu não posso não cuidar do ser que me é mais caro, meu filho, com o qual eu assinei um pacto tácito, o de educá-lo, de ajudá-lo a tornar-se autônomo, forte, livre. Há as palavras, as promessas que se fazem, mas há acima de tudo os atos: a filosofia do cotidiano deve ser: “quando dizer é fazer”. Zola, com seu *Eu Acuso*, é um dos grandes momentos de “dizer é fazer”.

LEIA MAIS...

Confira outras entrevista concedidas por Philippe Di Folco à IHU On-Line.

* *Pensar a pornografia sem pânico moral*. IHU On-Line número 173, de 27-03-2006, disponível para download em <http://migre.me/yHwB>

14 Friedrich Anton Christian Lang (1890-1976): cineasta, realizador, argumentista e produtor nascido na Áustria, mas que dividiu sua carreira entre a Alemanha e Hollywood. (Nota da IHU On-Line)



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

O último interdito em nossa sociedade

Roland Chemama, psicanalista francês, debate a pedofilia como um de nossos últimos impedimentos sexuais, e pondera que esta não deveria ser homogeneizada enquanto fenômeno. É preciso diferenciar o poder do Pai daquele exercido pelo violador incestuoso

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

A pedofilia não deveria ser homogeneizada, alerta o psicanalista francês Roland Chemama em entrevista exclusiva, concedida, por e-mail, à IHU On-Line. Segundo ele, essa prática não é um sintoma de um mal-estar maior do Ocidente, e sim “o que ela vem indicar sobre a culpabilidade moderna ligada à dificuldade em assumir valores e escolhas morais”. A sexualidade com crianças parece ter sido o último interdito que resta em nossa sociedade: “O homem de idade adulta que é atraído por meninas muito jovens, aquele que procura para si alguns vídeos sem passar ao ato, e o criminoso que mata suas vítimas depois de tê-las violado, não têm grande coisa a ver. Eles tendem, no entanto, cada vez mais, a serem confundidos um com o outro, sem dúvida porque nossa modernidade, que renunciou a censurar a maioria dos prazeres que ontem eram interditos, só conserva este interdito, o da sexualidade com crianças”. Chemama afirma, também, que é preciso diferenciar a autoridade do Pai do tipo de poder exercido pelo pai violador, no caso, incestuoso. “Este não concretiza autoridade, ele solapa toda autoridade paterna possível”. Outro aspecto discutido na entrevista é a possível conexão entre a depressão com as práticas perversas.

Roland Chemama esteve na Unisinos, em novembro de 2007, quando proferiu uma conferência debatendo aspectos do seu livro *Depressão, a grande neurose contemporânea* (Porto Alegre: CMC, 2007). Membro da Associação Freudiana Internacional, é organizador de *Dicionário de Psicanálise* (São Leopoldo: Unisinos, 2007) junto com Bernard Vandermersch. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a psicanálise compreende o fenômeno da pedofilia?

Roland Chemama - A meu ver, é precisamente lastimável que se tenha chegado a fazer da pedofilia um “fenômeno” no sentido em que se homogeneizaram práticas ou desejos que podem ser muito diversos. O homem de idade adulta que é atraído por meninas muito jovens, aquele que procura para si alguns vídeos sem passar ao ato, e o criminoso que mata suas vítimas depois de tê-las violado, não têm grande coisa a ver. Eles tendem, no entanto, cada vez mais, a serem confundidos um com o outro, sem dúvida porque nossa modernidade, que renunciou a censurar a maioria dos prazeres que ontem eram interditos, só conserva este interdito, o da sexualidade com crianças.

IHU On-Line - Quais são os motivos

que conduzem alguém a tornar-se pedófilo?

Roland Chemama - Da mesma forma como “a pedofilia” não deveria ser homogeneizada, assim o que pode clarear a pedofilia dos indivíduos em particular é muito diverso. Encontra-se, sem dúvida, certo número de perversos que escolheram este objeto particular, num apetite de gozo que recusa toda restrição, mas também se encontram muitos jovens adultos tímidos e “complexados” que não ousam dirigir-se a um parceiro adulto e que, pouco a pouco, fazem desta limitação uma coordenada necessária de seu desejo (encontrei diversos “pedófilos” que não chegavam a se distinguir dos adolescentes que eles solicitavam). Enfim, não negligenciamos o grande número de casos em que o sujeito foi ele próprio, em sua infância, vítima de uma violação que ele vai

depois repetir, tornando-se o autor.

IHU On-Line - Em que medida a pedofilia é um sintoma de um mal-estar ainda maior na contemporaneidade, inserido na nova economia psíquica do Ocidente?

Roland Chemama - De fato, o verdadeiro sintoma não é aqui a pedofilia, que não parece mais difundida do que em épocas anteriores, mas o que ela vem indicar sobre a culpabilidade moderna ligada à dificuldade em assumir valores e escolhas morais.

IHU On-Line - Considerando os casos de pedofilia no interior da família, como este fato terá sua repercussão na figura do pai como um arquétipo de autoridade e em sua dilapidação como pessoa num contexto específico, familiar?

“O verdadeiro sintoma não é aqui a pedofilia, que não parece mais difundida do que em épocas anteriores, mas o que ela vem indicar sobre a culpabilidade moderna ligada à dificuldade em assumir valores e escolhas morais”

Roland Chemama - Para falar de pedofilia na família, é preciso introduzir o termo do incesto, que levanta bem outras questões. Além disso, é preciso, sem dúvida, distinguir a autoridade do Pai, a autoridade que tem um valor paternal, do tipo de poder que se arroga o pai violador. Este não concretiza autoridade, ele solapa toda autoridade paterna possível. Além disso, é preciso relevar que aquelas e aquelas que foram vítimas de tal comportamento deploram em particular o fato de que após esse ato eles ou elas não tinham nenhuma pessoa em quem confiar, nenhum recurso possível.

IHU On-Line - Há ligação entre a depressão, como a grande neurose contemporânea, e a pedofilia, como a prática sexual no momento mais condenável?

Roland Chemama - Você parece fazer alusão ao livro que escrevi sob o título *Depressão, a grande neurose contemporânea*. É verdade que a perda de confiança, quer ela se refira ao pai ou a outra pessoa da geração anterior, tem frequentemente efeitos depressivos. Aliás, não é impossível que práticas pedófilas, como outras práticas perversas, ou ainda como o alcoolismo ou a toxicomania, constituam em certas pessoas maneiras de tentar lutar contra uma depressão fundamental.

Nem sempre a pedofilia foi considerada algo errado

Qualificação como crime surgiu na legislação a partir do século XIX, aponta historiador Thomas Lacqueur. Sociedades modernas passaram a compreender a prática como errada porque crianças e jovens não têm condições de formar juízos corretos a respeito

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

A legislação enquadrou a pedofilia como crime somente a partir do século XIX. De acordo com o historiador Thomas Lacqueur, ela “tende a ser errada nas sociedades modernas porque exige que jovens que, por várias razões, não têm condições de formar juízos corretos nessa e em outras esferas se envolvam em práticas que violam normas comunitárias”. Ele discorda que a sacralização da infância faça com que as crianças se tornem mais “atrativas” sexualmente: “A infância não era sacralizada na Grécia antiga ou nos internatos da Europa do século XVIII, e ambos tinham culturas pedófilas, abertamente e com muita ostentação no primeiro caso”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à IHU On-Line.

Lacqueur leciona na Universidade de Berkeley, Estados Unidos, e é especialista em história social e da medicina. Escreveu, entre outros, *Inventando o sexo - corpo e gênero dos gregos a Freud* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001) e *Le sexe em solitaire. Contribution à l'histoire culturelle de la sexualité* (Paris: Gallimard, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que a pedofilia é uma “coisa errada”?

Thomas Lacqueur - A pedofilia não é uma coisa errada em todos os tempos e lugares. Ela tende a ser errada nas sociedades modernas porque exige que jovens que, por várias razões, não têm condições de formar juízos corretos nessa e em outras esferas se envolvam em práticas que violam normas comunitárias. Ela também está, muitas vezes, vinculada a um mercado pornográfico embaraçoso, e potencialmente prejudicial. Neste contexto, a pedofilia é especialmente problemática e constitui uma forma repreensível de trabalho infantil, que também pode ser prejudicial às crianças.

IHU On-Line - O pensamento de alguém se relacionar com crianças o

torna, necessariamente, pedófilo?

Thomas Lacqueur - Não, assim como ter fantasias a respeito de assassinar um chefe odiado ou ter fantasias de estupro não torna a pessoa um assassino, estuprador ou alguém que quer ser estuprado.

IHU On-Line - A sacralização da infância fez com que as crianças se tornassem mais “atrativas” sexualmente? Desde quando existe essa “aura” de sacralidade em torno da infância?

Thomas Lacqueur - Penso que não. A infância não era sacralizada na Grécia antiga ou nos internatos da Europa do século XVIII, e ambos tinham culturas pedófilas, abertamente e com muita ostentação no primeiro caso.

IHU On-Line - Quando surgiu o conceito atual da pedofilia? Antes ela era praticada e não era entendida como crime?

Thomas Lacqueur - A pedofilia era praticada antes de se tornar crime. A prática como crime surgiu na legislação do final do século XIX, sobre a idade em que a pessoa tem condições de dar seu consentimento, embora haja um sentido do *common law* segundo o qual o sexo com uma criança jovem demais para dar um consentimento baseado no raciocínio é, por definição, estupro.

IHU On-Line - Existe um limite na pedofilia entre amor e violência? Como isso se dá?

Thomas Lacqueur - O amor sem ação é inofensivo. A violência contra os jovens - ou qualquer pessoa - é errada. O limite é, mais uma vez, culturalmente específico demais para se traçar uma linha clara. Ser sodomizado pelo tio materno no início da adolescência seria um ato terrivelmente violento no Brasil, mas é a norma entre algumas tribos do planalto de Papua Nova Guiné. A fala poderia ser violenta em alguns contextos, e não em outros.

IHU On-Line - O pedófilo tem dor de consciência?

Thomas Lacqueur - Em alguns lugares e tempos, sim; em outros, não.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> A IHU On-Line já produziu diversas outras edições de alguma forma relacionadas com o tema da pedofilia. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br).

- *O pai desautorizado: desafios da paternidade contemporânea*. Edição número 150, de 08-08-2005. Disponível no link <http://migre.me/yHPx>;
- *Pornografia. Um debate*. Edição número 173, de 27-03-2006 e disponível no link <http://migre.me/yHWB>;
- *Ainda precisamos de pai? Da paternidade para a parentalidade*. Edição número 230, de 06-08-2007, disponível no link <http://migre.me/yHRQ>;
- *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*. Edição número 267, publicada em 04-08-2008. Acesse em <http://migre.me/yHR4>;
- *Desejo e violência*. Edição número 298, de 22-06-2009 e disponível no link <http://migre.me/yHSO>;
- *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"?* Edição número 303, de 10-08-2009 e disponível no link <http://migre.me/yHTV>;
- *O Mal, a vingança, a memória e o perdão*. Edição número 323, de 29-03-2010 e disponível no link <http://migre.me/yHVg>.

SIGA O TWITTER DO IHU



http://twitter.com/_ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

Leilão de Belo Monte: uma armação

Na avaliação de Telma Monteiro, “o governo autoritário” e as “empreiteiras que não ficaram com o ônus como aconteceu no caso do Madeira” se beneficiaram com o leilão de Belo Monte

POR PATRICIA FACHIN

“**B**elo Monte poderia jamais ter saído do papel, não fosse a mentira”, afirmou Telma Monteiro, à **IHU On-Line**. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, ela explica como aconteceu o polêmico leilão de Belo Monte, ocorrido na última terça-feira, 20-4-2010, e informa que a liminar para cancelar o leilão de venda de energia de Belo Monte, solicitada pelas organizações Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé e Amigos da Terra Amazônia Brasileira, e aprovada pelo juiz Antonio Carlos Campelo, foi ignorada pela Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL. “Aconteceu que todos na ANEEL fingiram que não receberam a terceira liminar e argumentaram que ela só chegou às 13h30min, depois que o leilão havia terminado”, menciona.

Além da rápida concretização do leilão, outros aspectos chamam a atenção, como o fato de duas grandes empreiteiras, Odebrecht e Camargo Corrêa, terem desistido da negociação. Para Telma, essa é uma questão que tem várias respostas. “Gerar energia através de Belo Monte seria um mau negócio para as empreiteiras” é uma das hipóteses. Talvez as empresas se “reservaram para apenas fazer a obra, já que não conseguiriam vender para o governo a energia pelo preço que queriam; fazer a obra dessa forma, sem a responsabilidade dos custos ambientais e sociais, além das batalhas na justiça que já são realidade, seria a hipótese mais coerente”, afirma.

Com a desistência das duas empreiteiras, dois grupos concorreram ao leilão. Um deles liderado pela Andrade Gutierrez e outro liderado pela estatal Chesf. “Estranhamente, o consórcio liderado pela Andrade Gutierrez que, pela lógica, seria o vencedor, no qual todos apostavam, acabou perdendo. Mas não perdeu porque o outro consórcio que ganhou foi mais esperto. Perdeu porque tinham decidido perder”, enfatiza. Menos de uma semana depois da negociação, Telma informa que duas das empresas do consórcio vencedor, Queiroz Galvão e J. Malucelli, já ameaçam desistir do projeto “porque não estão satisfeitas com algo não muito bem explicado. (...). Sem construtoras no grupo, quem iria construir Belo Monte? A resposta é simples”, ironiza. Na avaliação de Telma, “espertamente, Odebrecht, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez deram um jeito de o leilão ser concretizado sem elas”.

Telma Monteiro é coordenadora de Energia e Infraestrutura Amazônia da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Na manhã do dia 20-4-2010, a imprensa anunciava que o leilão de Belo Monte estava suspenso. Mas, no mesmo dia, a liminar que suspendia o leilão foi cassada. Em sua opinião, o que aconteceu?

Telma Monteiro - Vamos fazer uma pequena volta no tempo para entender

os detalhes do dia do leilão. Começou quando o Ministério Público Federal - MPF do Pará ajuizou duas Ações Cíveis Públicas - ACPs com pedido de liminar para cancelar o leilão de venda de energia de Belo Monte, marcado para o dia 20 de abril. O juiz Antonio Carlos

Campelo¹, da Subseção Judiciária de Altamira (PA), julgou que os pedidos requeriam urgência devido à iminência do leilão e concedeu a liminar da

¹ Para saber mais sobre o juiz federal de Altamira, leia a notícia “Juiz que ameaçou leilão atuou no caso Dorothy”, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 21-04-2010, disponível em <http://bit.ly/bBOUSZ> (Nota da IHU On-Line)

primeira ação do MPF. Esta foi cassada menos 24 horas depois, na semana anterior ao leilão. No final do dia 19-4-2010, véspera do leilão, o mesmo juiz de Altamira apreciou a outra ação e também concedeu, devido ao caráter de urgência, a segunda liminar pedida pelo MPF, para suspender o leilão. Então, no final do dia 19-4-2010, ele estava suspenso pela justiça através de medida liminar.

Na tarde do dia 19-4-2010, as organizações Associação de Defesa Etno-ambiental Kanindé e Amigos da Terra Amazônia Brasileira também ajuizaram uma ACP na Seção Judiciária de Altamira com pedido de liminar para suspender o leilão de Belo Monte. A inicial demonstrou ao juiz Antonio Carlos Campelo que o edital do Leilão da ANEEL estava viciado, pois a área do reservatório de Belo Monte constava como tendo 516 km² em alguns documentos, e, em outro, anexo e integrante do edital, apresentava uma outra área: 668,10 km². Diferença expressiva de mais de 29% ou quase um terço a mais na área a ser alagada prevista nos estudos ambientais. Às 11h45min do dia 20-4-2010 (dia do leilão), o juiz de Altamira concedeu a liminar pedida na ACP das organizações, a 3^a, suspendendo de novo o leilão e inclusive anulando o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) de Belo Monte. Às 12h25min, a secretaria da Seção Judiciária de Altamira enviou essa decisão por e-mail (<http://bit.ly/dqeNee>) para a ANEEL² em Brasília, Eletrobras e EPE³ no Rio, por fax.

Já no dia 19-4-2010, depois de recebida a segunda liminar do MPF, a Advocacia Geral da União - AGU, então, por dever de ofício, tinha dado entrada, às 18h57min, no pedido de Suspensão de Liminar no Tribunal Regional Federal da Primeira Região. É importante mencionar aqui que essas informações são públicas, que todo o cidadão pode acompanhar a tramitação de um processo de cassação da liminar através do site do Tribunal. Basta ter o número do processo ou o nome das partes ou do advogado.

² Agência Nacional de Energia Elétrica (Nota da IHU On-Line).

³ Empresa de Pesquisa Energética (Nota da IHU On-Line).

“Às 11h45min do dia 20-4-2010 (dia do leilão), o juiz de Altamira concedeu a liminar pedida na ACP das organizações, a 3^a, suspendendo de novo o leilão e inclusive anulando o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) de Belo Monte”

O leilão estava marcado para as 12h do dia 20-4-2010, e, até aquele horário, a segunda liminar do MPF que o suspendia ainda não tinha sido cassada. A ANEEL então resolveu mudar o horário do leilão para as 13h20min para esperar que o Desembargador Federal Presidente do Tribunal julgasse o pedido de cassação da liminar do MPF. Enquanto isso acontecia, às 12h25min, os funcionários da ANEEL receberam a intimação da nossa liminar - a 3^a - concedida pelo Juiz de Altamira atendendo ao pedido das organizações. O leilão estava suspenso, aguardando a decisão do Desembargador quando chegou a nossa liminar. Aí aconteceu que todos na ANEEL fingiram que não receberam a terceira liminar e argumentaram que ela só chegou às 13h30min, depois que o leilão havia terminado. O leilão durou apenas 7 minutos - das 13h20min até as 13h27min - nessa primeira fase, o resultado não foi divulgado por força da liminar. Só então a AGU entrou com pedido de suspensão da nossa liminar, e a ANEEL ficou aguardando a decisão do desembargador para divulgar o resultado, o que aconteceu quase duas horas depois. Ou seja, a liminar que deveria suspender o leilão só serviu na prática para retardar a divulgação do resultado. A mentira sobre o horário em que foi recebida a ordem judicial de Altamira, a qual se pretende provar

para anular o leilão, fez a diferença. Belo Monte poderia jamais ter saído do papel, não fosse a mentira. Se houver a confirmação de que a ANEEL tomou conhecimento da liminar antes do início do leilão e desobedeceu a ordem judicial, o leilão poderá ser anulado.

IHU On-Line - Como explicar a posição da justiça nesse caso?

Telma Monteiro - Parece que aí é o caso de termos duas justiças. Uma a do Juiz Antonio Carlos Campelo que deu as liminares, embasado em fundamentos que corroboraram os argumentos do MPF e o das organizações. Então, ao suspender o leilão, o juiz estava evitando que ele acontecesse antes que os argumentos das ações ajuizadas fossem julgados em seu mérito. A outra justiça é a do Tribunal Federal da Primeira Região que, no aqodamento para satisfazer a urgência política do governo de fazer o leilão de Belo Monte, cassou as liminares sem apreciar com a devida cautela e atenção todos os argumentos apresentados e que comprovam a inviabilidade ambiental e social do empreendimento.

IHU On-Line - Percebeu algum equívoco no leilão de Belo Monte?

Telma Monteiro - O leilão de Belo Monte foi um equívoco. Para esse leilão, estava inicialmente prevista a participação de três grandes empreiteiras: Odebrecht, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez. As três são as responsáveis, junto com a Eletrobras, pela elaboração de todos os estudos pertinentes a Belo Monte. Estudos de viabilidade técnico-econômica e ambientais. Esses estudos lhes conferiram todo o conhecimento técnico necessário para construção desse monstro num local tão especial como esse no rio Xingu.

O TCU, no seu relatório preliminar do final de 2009, questionou a viabilidade econômica do empreendimento e fez várias recomendações à Empresa de Pesquisa Energética - EPE; entre elas, a de revisar os custos apresentados, fornecer planilhas detalhadas sobre os custos ambientais e sociais. Chamou atenção, inclusive, para as discrepâncias em relação aos custos das usinas de Santo Antônio e Jirau, no rio Ma-

deira. A EPE, então, foi fazer a revisão pedida, e, em fevereiro, mandou de volta as contas para a análise final do TCU, com alterações impressionantes. Os custos foram revisados, sim. Entre elas, a do próprio preço teto do Mw/h para o leilão, que passou de R\$ 68 para R\$ 83, baseado no fato de que os empreendedores ou desenvolvedores como são chamados agora, “esqueceram” de computar os custos com canteiros de obras de Belo Monte. Estou resgatando essa parte da história para todo o mundo entender como o poder das empreiteiras decide os destinos do Brasil. Então foi aí que a obra passou dos R\$ 16 bilhões para os R\$ 19 bilhões. Crescimento bárbaro que foi atribuído aos custos ambientais, discurso da EPE para justificar tamanho aumento, mas não foi suficiente para atrair as três grandes empreiteiras. No entanto, o que se passou foi que a Odebrecht e a Camargo Corrêa já haviam ameaçado sair do negócio, se o investimento calculado não fosse da ordem de R\$ 30 bilhões. Então, as duas maiores empreiteiras, quando perceberam que a EPE teria confirmado junto ao TCU o valor de R\$ 19 bilhões, acabaram desistindo do consórcio que haviam formado para disputar o leilão de Belo Monte, para forçar a barra e obter o que queriam. Mas a Andrade Gutierrez continuou liderando outro consórcio. Para o governo, não era possível fazer o leilão com apenas um consórcio, e partiu no encalço de outras empresas para formar um segundo consórcio e, assim, legitimar o leilão.

Só que as empresas laçadas pelo governo, lideradas pela estatal Chesf, subsidiária da Eletrobras, além de terem alguns problemas de caixa, não têm experiência nenhuma em construção de mega-hidrelétricas. Também não têm conhecimento técnico sobre a região, sobre os impactos ambientais, sobre os conflitos com os povos indígenas e populações tradicionais que acompanham a história de Belo Monte desde o final dos anos 1980. Ao contrário das três gigantes das megaobras do novo Brasil grande, inventado pelo governo Lula, elas não teriam cacife técnico. Foram mesmo para perder o leilão, porém não de graça e não se

“As empresas laçadas pelo governo, lideradas pela estatal Chesf, subsidiária da Eletrobras, além de terem alguns problemas de caixa, não têm experiência nenhuma em construção de mega-hidrelétricas”

sabe o que lhes foi prometido. Foi uma armação.

IHU On-Line - Pode nos explicar como foi organizado o leilão para a concessão do aproveitamento hidrelétrico de Belo Monte? Que empresas participaram?

Telma Monteiro - Dois grupos concorreram ao leilão. Um deles liderado pela Andrade Gutierrez, que no meu entender foi uma espécie de chamariz para que as demais integrassem o outro grupo com nove empresas laçadas na última hora. Estranhamente, o consórcio liderado pela Andrade Gutierrez que, pela lógica, seria o vencedor, no qual todos apostavam, acabou perdendo. Mas não perdeu porque o outro consórcio que ganhou foi mais esperto. Perdeu porque tinham decidido perder. O lance desse consórcio para o Megawatt hora não dava margem para ganhar o leilão. O azarão, grupo para tapar o buraco e dar uma falsa ideia de concorrência, que deveria perder, acabou sendo o vencedor.

IHU On-Line - Por que a Odebrecht e a Camargo Corrêa não participaram do leilão?

Telma Monteiro - Essa é uma resposta que pode ter várias versões. Gerar energia através de Belo Monte seria um mau negócio para as empreiteiras, é uma delas. Eles se assustaram com o tamanho da encrenca que visualizaram pela frente com a exposição das questões ambientais e sociais e a

luta incrível dos movimentos sociais e da resistência dos povos indígenas do Xingu; outra pode ser uma estratégia usada para forçar o governo a subir de R\$ 19 bilhões para R\$ 30 bilhões, mas que acabou não dando certo, talvez aí fosse um bom negócio; outra ainda pode ser que se reservaram para apenas fazer a obra, já que não conseguiriam vender para o governo a energia pelo preço que queriam; fazer a obra dessa forma, sem a responsabilidade dos custos ambientais e sociais, além das batalhas na justiça que já são realidade, seria, em minha opinião, a hipótese mais coerente. Mamata. Essas empreiteiras que idealizaram, com a Eletrobras, esse monstro no rio Xingu, sempre tiveram como único interesse o de fazer a obra e faturar na frente, não queriam cumprir condicionantes ambientais, programas de mitigações ou defender ações na justiça. Dá para perceber que, espertamente, Odebrecht, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez deram um jeito de o leilão ser concretizado sem elas. Se a usina vai gerar pouca energia ou muita energia, pouco lhes importa. Já é sabido que o próprio presidente Lula disse que há lugar para todas as empreiteiras nesse bolo. Elas já estão se articulando para “dividir o trecho”.

Duas empresas do consórcio vencedor já ameaçam sair porque não estão satisfeitas com algo não muito bem explicado. Queiroz Galvão e J. Malucelli. Sem construtoras no grupo, quem iria construir Belo Monte? A resposta é simples.

IHU On-Line - Como a senhora interpreta a “desistência” dessas empresas na participação do leilão de Belo Monte? Que motivos as levaram a desistirem?

Telma Monteiro - Tenho a impressão que a imprensa tem feito muitas conjecturas a respeito disso. Ouvi uma entrevista do presidente da Gerda, por exemplo, a quem interessaria participar como autoprodutor, que a inviabilidade econômica foi determinante para desistirem. Essa inviabilidade econômica foi o argumento das empreiteiras quando forçaram o aumento de R\$19 bilhões para R\$ 30 bilhões.

O negócio de R\$ 19 bilhões já é uma mamata, se pensarmos bem: o BNDES vai financiar 80% durante 30 anos com juros de 4% ao ano. Além disso, o governo propiciou um grande pacote de benesses para os vencedores que vai desde desconto de 75% no imposto de Renda por 10 anos até isenção de PIS e COFINS da obra. Mas a pergunta que não quer calar é: por que, mesmo com tudo isso, faltaram participantes espontâneos? A resposta pode estar nas incógnitas do projeto quanto às escavações dos canais, quanto ao verdadeiro custo ambiental e social que não foi completamente fechado ou ainda e, principalmente, na questão da energia a ser gerada pela chamada “hidrelétrica sazonal” que, na verdade, não é nenhuma “Brastemp”, como quer fazer crer o governo. Belo Monte parece ser um bom negócio só para o governo.

Mais uma vez está claro que às grandes empreiteiras só interessaria participar como investidoras se o retorno fosse superior aos ganhos que terão fazendo apenas a obra. Se o bolo valesse a pena ninguém se importaria se ela produziria a energia programada. Sei que é um raciocínio simplista, mas é uma forma de mostrar como na verdade só o que interessa para as empreiteiras é a obra em si. E, como gerar energia em Belo Monte continua sendo uma conta que não fecha, não interessa para empreiteiras. Seria muito risco. E aqueles que precisam da energia como insumo principal, como a Vale, a Gerdau, a Alcoa etc., podem comprar no ambiente livre, depois, e deixam para o governo o mau negócio - agora que a Chesf⁴ é majoritária -, de investir e arcar com todos os custos das externalidades ainda não computadas e que vão sobrar para o nosso bolso. As empresas privadas, que teriam porte para tocar tecnicamente essa encrência, resolveram ficar de fora. Por isso são o que são.

IHU On-Line - Por que, em sua opinião, o consórcio liderado pela Andrade Gutierrez entrou no leilão para perder?

Telma Monteiro - O consórcio liderado

⁴ Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) (Nota da IHU On-Line)

“Ao contrário das três gigantes das megaobras do novo Brasil grande, inventado pelo governo Lula, elas não teriam cacife técnico. Foram mesmo para perder o leilão, porém não de graça e não se sabe o que lhes foi prometido. Foi uma armação”

pela Andrade Gutierrez já estava formado desde o início do processo. Eles se mantiveram para garantir, penso eu, a certeza da realização do leilão, pensando na obra, lógico. Seria talvez a isca para atrair empresas para o outro grupo que legitimaria o leilão.

IHU On-Line - O presidente da Camargo Corrêa concedeu uma entrevista ao jornal Valor e disse que, caso a Eletrobras convide, a empresa pode participar da construção de Belo Monte. A saída da empresa do leilão foi estratégica?

Telma Monteiro - Eu entendo que as essas empresas só interessa fazer a obra. Interessa as escavações em rocha, o concreto para revestir os canais. É nisso que se resume e justifica sua existência. Construir megaobras. Lembrei agora de um artifício de construtoras para obter obras. Elas iam - não sei se é assim ainda - em pequenos municípios do interior do Brasil e pesquisavam uma ponte, ou um viaduto ou uma rodoviária, ou hospital, qualquer obra de infraestrutura necessária ao local. Apresentavam o projeto para o prefeito junto com o caminho para obter o recurso público necessário para a construção. Isso, semelhante, aconteceu no caso do Madeira. Em 2001, foi a Odebrecht quem levou o projeto das usinas para o governo. Furnas só

entrou depois e fez parceria. Nesse caso de Belo Monte, levou bem mais tempo, mas o lobby é o mesmo. O discurso do apagão tem ajudado, e a necessidade de Lula de deixar sua marca megalômana, também. Tem também o caixa de campanha que precisa muito de doadores, e ninguém melhor que empreiteiras para isso.

Lógico que o presidente da Camargo Corrêa vai querer construir Belo Monte, só os canteiros de obras têm um custo previsto de R\$ 2,85 bilhões.

IHU On-Line - Haverá readequação econômico-financeira da controladora de Belo Monte? As empresas que não participaram do leilão podem participar da obra num outro momento?

Telma Monteiro - O consórcio ganhador tem que se manter assim até 23 de setembro quando teoricamente será assinado o contrato de concessão. Depois disso, pode tudo. A tendência é que o grupo seja mais estatizado ainda. Chesf já tem os quase 50%. As cadeiras ficarão disponíveis para fundos de pensão, por exemplo, numa nova Sociedade de Propósito Específico. Lula disse que a Chesf pode perfeitamente construir Belo Monte.

IHU On-Line - Na mídia, as informações estão muito obscuras. Quem, afinal, ganhou o consórcio de Belo Monte?

Telma Monteiro - Foi o governo autoritário. Foi a campanha da Dilma, que vai usar Belo Monte no discurso do tipo não vai mais haver apagão ou insistir na teoria de que será a terceira maior hidrelétrica do mundo. Talvez possamos ter uma situação de até o final do ano, se for concedida a licença de instalação, Lula inaugurar o canteiro de obras como fez com Jirau no rio Madeira. E, também, ganharam as empreiteiras que não ficaram com o ônus como aconteceu no caso do Madeira que continua *sub judice*. Elas pretendem fazer a obra com contratos bilionários sem licitação e que na certa terão aditivos aumentando o preço. Também seria interessante complementar a pergunta: quem perdeu? Nós todos, brasileiros que conseguimos

enxergar a força tarefa formada pelas instituições do governo com o único propósito de construir uma hidrelétrica na Amazônia que para funcionar vai precisar de manivela na época da seca. Uma usina nos moldes do século XIX que vai custar os olhos da cara e colocar em risco a vida na Amazônia. Já ficou patente que Belo Monte só poderia funcionar se as demais usinas a montante também fossem construídas. Então é puro autoritarismo.

IHU On-Line - Pode-se dizer que Belo Monte será uma usina estatal, uma vez que será financiada com recursos públicos?

Telma Monteiro - Ela ainda não seria estatal. Veja que a Chesf é estatal, mas tem menos de 50% de participação no consórcio, por enquanto. Mas podemos usar outro raciocínio, também, já que o BNDES deve injetar cerca de 80% dos recursos - a maior parte vinda do Tesouro Nacional - para viabilizar o projeto, e, além disso, tem o pacote de benesses, então, apesar de legalmente não ser estatal, financeiramente é estatal.

IHU On-Line - Qual será a participação dos fundos de pensão no consórcio?

Telma Monteiro - Por enquanto, nenhuma. Já houve sinalização de participarem, mas questões jurídicas à época impediram.

IHU On-Line - Como, na sua avaliação, a grande imprensa tratou o leilão de Belo Monte? A imprensa deixou algo obscuro nessa cobertura?

Telma Monteiro - Foi muito estranho. Ela deu cobertura ao fato de haver liminares que impediriam o leilão, mas não discorreu sobre os motivos, que poderiam esclarecer as dúvidas da sociedade. Dizer que não vai haver leilão porque o juiz confirmou que precisa de uma lei específica para aproveitar recursos hídricos em terras indígenas ou que a legislação ambiental foi ferida de morte é fundamental para esclarecer a opinião pública e levá-la a aderir à campanha contra Belo Monte. Foi uma injustiça inclusive com o MPF, que fez duas peças maravilhosas,

apontando todas as irregularidades dos estudos ambientais e do processo de licenciamento. O espaço dado aos argumentos usados nas ações e a análise do juiz foi ínfimo se comparado ao dos comentaristas econômicos das emissoras de televisão ou dos jornais. Vejam que nossas organizações descobriram uma falha gigantesca nos documentos sobre o reservatório de Belo Monte. No entanto, não houve um único jornalista que quisesse saber os detalhes dessa falha, e nem um que tenha se interessado pelo despacho da liminar que, inclusive, anulou o EIA do projeto.

IHU On-Line - Em sua opinião, quais serão os próximos capítulos de Belo Monte? Qual será o futuro da obra?

Telma Monteiro - A batalha jurídica vai continuar. Acreditamos que o leilão deverá ser anulado quando for provado que a ANEEL foi, sim, intimada em tempo para suspender o leilão. E o MPF não vai parar a luta também. O projeto de Belo Monte está agonizando há muito tempo. Acho que agora ele chegou ao estertor final. A justiça tem que prevalecer diante de tantas ilegalidades.

IHU On-Line - O candidato José Serra tem criticado o leilão de Belo Monte. Trata-se de uma crítica oportunista?

Telma Monteiro - Não tenho dúvida de que é uma crítica oportunista. Assim como as de muitas emissoras e jornais que estão se escorando no caso de Belo Monte para desancar a Dilma e o governo Lula, que na verdade bem o merecem. Mas seria preferível que isso fosse feito com base nas distorções desse projeto e nas insuficiências dos estudos, nas irregularidades do processo de licenciamento já apontadas por especialistas, ONGs, movimentos sociais e lideranças indígenas.

Não tenho nenhuma ilusão de que se fosse o Serra no lugar do Lula ou da Dilma seria a mesma coisa, um rolo compressor para tirar Belo Monte, Tapajós e outras do papel, sob os mesmos pretextos, com o mesmo discurso. Indícios disso nós temos com Serra em São Paulo e o seu Xico Graziano, Secretário do Meio Ambiente. E mais, é preocupante também a atitude de Marina

Silva que devia ter se manifestado com alguma veemência contra Belo Monte e já ter se reunido com os movimentos sociais do Xingu e os povos indígenas. Ela deveria incorporar essa luta.

IHU On-Line Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Telma Monteiro - Muitas das lições que estamos tirando no caso das usinas do Madeira estão servindo para enfrentar Belo Monte. Alguém me disse que o Madeira é Belo Monte amanhã. Achei muito triste, mas tem um fundo de verdade. Operários da usina Santo Antônio fizeram um protesto pela morte de um companheiro no alojamento da obra. A denúncia é muito séria - desde excrementos no piso do alojamento até situação de doenças e comida ruim. São condições análogas à escravidão. Esse é mais um exemplo do desastre a que estamos sujeitos com megaobras. É isso que muitos insistem em chamar de desenvolvimento?

Também queria mencionar uma notícia veiculada sobre o governo querer processar quem entrou com pedido de liminar para suspender o leilão de Belo Monte. Essa é uma atitude típica de governos autoritários. Na mesma matéria, Gilmar Mendes disse que o MPF é influenciado por ONGs, mas a única influência que motiva a atuação do ministério público é o descumprimento da lei. Temos, também, que desmistificar essa mentira que disse o presidente Lula de que se ninguém quiser construir Belo Monte, o governo o fará. O governo não é construtora, e para fazer Belo Monte terá que contratar uma ou as três que têm a experiência necessária. Elas estão apenas aguardando. Não é preciso estar no consórcio vencedor do leilão para fazer a obra. Qual seria o motivo que leva o governo a querer com tanta avidez construir Belo Monte, apesar de tudo o que já foi apontado e apesar de ser um mau negócio?

LEIA MAIS...

>> Telma Monteiro já concedeu entrevista à IHU On-Line.

* As cinco hidrelétricas no Rio Tapajós. "Nenhum rio, no mundo, suporta isso". Acesse no link <http://migre.me/z4AD>

Os efeitos do Leilão de Belo Monte deverão ser nulos

Roberto Smeraldi repercute o leilão de Belo Monte e declara que o mesmo tinha de ser anulado e reconvocado, por estar suspenso pela justiça

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

Na opinião do jornalista Roberto Smeraldi, as empresas Odebrecht e Camargo Corrêa saíram ganhando com o leilão de Belo Monte, pois, segundo ele, “elas têm interesse em entrar não como investidoras, mas como executoras, aí são pagas pelos serviços que prestam. E sem elas vai ser difícil para o governo executar um projeto desta magnitude”. Na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, Smeraldi analisa os principais episódios que envolvem a realização do leilão de Belo Monte e critica a postura da imprensa em relação à divulgação dos fatos: “é paradoxal que dedicaram páginas à ‘guerra de liminares’, mas nenhum deles explicou sequer qual era o objeto da liminar que suspendia o leilão enquanto ele acontecia”.

Roberto Smeraldi é jornalista e diretor da entidade Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. Também assessora instituições brasileiras e internacionais, como o Banco Mundial, agências das Nações Unidas e o Ministério do Meio Ambiente. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Na manhã do dia 20-4, a imprensa anunciava que o leilão de Belo Monte estava suspenso. Mas, no mesmo dia, a liminar que suspendia o leilão foi cassada. Em sua opinião, o que aconteceu?

Roberto Smeraldi - São duas coisas diferentes. Aquela liminar, concedida ao Ministério Público, foi cassada por volta do meio-dia, quando foi concedida outra, para nossa ação civil, que só foi cassada 6 horas depois do leilão. Portanto, o leilão tinha de ser anulado e reconvocado, por estar suspenso pela justiça. A liminar¹ relacionada com nossa ação já estava publicada às 13h no site da justiça federal, e o leilão ocorreu às 13h24min.

IHU On-Line - Como explicar a posição da justiça nesse caso?

Roberto Smeraldi - Havia diferente entendimento entre o juiz federal no Pará e o desembargador no Tribunal Regional Federal de Brasília. Este último ia sair do cargo dois dias depois e já havia declarado, em anterior de-

cisão, que estava a favor da obra independentemente de irregularidades, porque ela era importante, portanto, iria cassar as liminares em geral. O raciocínio dele era como se você justificasse que passou com farol vermelho porque tinha pressa de chegar ao trabalho, caso contrário sofreria um prejuízo financeiro. Ele usou a mesma lógica na decisão dele: mesmo que tenha irregularidades, para evitar prejuízo financeiro vale tudo.

IHU On-Line - O senhor pode nos explicar como foi organizado o leilão para a concessão do aproveitamento hidrelétrico de Belo Monte? Quem são as empresas que estavam no leilão?

Roberto Smeraldi - Os dois consórcios eram baseados em estatais do mesmo grupo, Eletrobras². Isso já mostra o contexto. E aí cada um trazia uma empreiteira. As duas grandes, Odebrecht e Camargo, ficaram fora. Outra, a Andrade, resolveu ficar no leilão, mas

² Eletrobras - Centrais Elétricas Brasileiras S.A. é uma sociedade de economia mista e de capital aberto sob controle acionário do Governo Federal brasileiro e atua como uma holding, dividida em geração, transmissão e distribuição. (Nota da IHU On-Line)

sem oferecer ágio algum, para perder mesmo, e assim ficou fora. Sobrou o consórcio com a Queiroz, que acabou levando por falta de opção, mas agora não tem como tocar a obra.

IHU On-Line - Por que a Odebrecht e outras grandes empresas não participaram do leilão?

Roberto Smeraldi - Porque elas fizeram o projeto, e sabiam que a taxa de retorno do empreendimento era inviável. Agora ficou público que ela é até inferior ao valor dos juros do empréstimo do BNDES, conforme documento das próprias estatais Furnas e Eletrosul³.

IHU On-Line - O senhor disse que, nessa negociação, quem saiu ganhando foram as empresas Odebrecht e Camargo Corrêa. Por quê?

Roberto Smeraldi - Porque elas têm interesse em entrar não como investidoras, mas como executoras, aí são pagas pelos serviços que prestam. E sem elas

³ Sobre o tema, leia a notícia “Um parecer oficial contra Belo Monte”, publicada nas **Notícias do Dia** do site do IHU em 23-04-2010 e disponível em <http://bit.ly/97aFo3> (Nota da IHU On-Line)

vai ser difícil para o governo executar um projeto desta magnitude.

IHU On-Line - O senhor disse ainda, no Twitter, que o leilão é viciado, nulo, destinado a morrer. Pode nos explicar essa ideia?

Roberto Smeraldi - Se ocorreu sob embargo da justiça, como tudo indica até o momento, seus efeitos deverão ser nulos.

IHU On-Line - O senhor disse também que falta entendimento, na imprensa, da dinâmica econômica e jurídica do leilão de Belo Monte, que “ninguém sacou o que realmente aconteceu”.

Roberto Smeraldi - Economicamente, não sacaram que o preço de R\$ 78 da energia é fictício, o custo real é mais que o dobro disso. E juridicamente não entenderam que um edital de leilão não pode conflitar com a licença da obra leiloada. Duas questões-chave.

IHU On-Line - Em sua opinião, quais os próximos capítulos do caso Belo Monte? Quais os rumos que serão tomados nessa questão a partir de agora?

Roberto Smeraldi - Por um lado, o governo tentará ter novos participantes no consórcio porque os atuais não garantem a obra. Pressionarão politicamente mais ainda os fundos de pensão das estatais, por exemplo. E deverão negociar bastante com Odebrecht e Camargo para elas tocarem as obras, algo preocupante na conjuntura particular do país nos próximos meses. Por outro lado, este caminho vai ser interrompido muitas vezes pela justiça, seja pelas irregularidades do licenciamento, seja por aquelas do leilão. Os custos vão subir, muito, e o governo procurará fazer o contribuinte bancar esses custos adicionais.

IHU On-Line - O que a grande imprensa deixou obscuro nesse leilão?

Roberto Smeraldi - Coisas básicas. Por exemplo, é paradoxal que dedicaram páginas à “guerra de liminares”, mas nenhum deles explicou sequer qual era o objeto da liminar que suspendia o leilão enquanto ele acontecia.

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA
ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



Um padrão de qualidade na televisão

POR LUCIANO CORREIA DOS SANTOS*

A exemplo do mercado cinematográfico, que se transformou num produto internacional desde a primeira metade do século passado, a televisão também conseguiu criar um mercado mundial de programas. Para tanto, procedeu adaptando formatos a realidades específicas, exportando diretamente os próprios programas ou vendendo os formatos sob a forma de *copyright*. Os Estados Unidos adotam as mesmas estratégias usadas na comercialização dos seus filmes e mantêm um papel de protagonista para vender produtos cujos custos já foram amortizados internamente. A partir desta etapa, representa uma mais-valia cada vez mais importante no faturamento das empresas. O caso da holandesa Endemol, uma produtora especializada em *reality shows* que exporta seus programas para 23 países, serve de exemplo à globalização do mercado e à expansão de um lucrativo mercado.

A Rede Globo adotou esses procedimentos com seu principal produto de exportação, as telenovelas, antes que se consolidassem como produto brasileiro apreciado em vários países. Vários autores classificam a história da televisão em fases, segundo diferentes critérios, a partir de um olhar sobre a programação, o desenvolvimento técnico, econômico ou outras formas. Considerando o contexto de cada classificação, é possível afirmar que cada uma delas atende aos objetivos previamente imaginados. No entanto,

de maneira mais geral, e levando em conta a construção de uma gramática própria que a afastasse dos modos de fazer televisivos, adotados desde seus primórdios (basicamente influenciados pelo rádio, cinema e teatro, mas também fortemente pela imprensa, sobretudo as revistas), é possível dizer que uma primeira fase vai de 1950 até princípios dos anos 1960, com a introdução do videoteipe.

Esta primeira fase é caracterizada pelas transmissões ao vivo, onde toda a programação era apresentada dos estúdios, inclusive os intervalos comerciais, o que significava uma urgência em cada nova cena exibida, pois isto significava mudança de ambiente, posicionamento de câmeras, iluminação e mobilização de pessoal técnico e artístico. Tais variações ocorriam tanto na passagem dos programas para os comerciais, como dentro dos próprios programas, a exemplo uma novela, quando a trama exigia mudança de ambiente. A urgência do ao vivo possibilitou o aprimoramento do trabalho de contrarregra, já existente nas apresentações das radionovelas, cuja ambientação exigia toda uma composição sonora de efeitos de chuva, trovões, carros, motores, passos, tiros etc. Na televisão, o serviço do contrarregra acrescenta o plano visual, com efeitos de fogo, fumaça, luzes, cenários, noite, dia, dentre outros.

Se a prática e o tempo foram conferindo agilidade na apresentação da

* Luciano Correia dos Santos é jornalista, professor da Universidade Federal de Sergipe e doutorando em Ciências da Comunicação na Unisinos.

programação, as limitações sempre restringiam a possibilidade de muitas variações, à maneira do teatro. A rigor, pode-se dizer que as transmissões televisivas até então não iam muito além de um teatro filmado, ou do rádio filmado. Essas imagens evocam a forte influência dos meios rádio e teatro, convergindo para um terceiro meio de grande penetração massiva naquele momento, que era o cinema.

O VT deslancha, assim, novas narrativas, que, no caso brasileiro, coincidem com as tentativas de criar uma televisão que se permitisse chamar de brasileira. Não bastasse este salto, abre um novo mundo para ser explorado economicamente, com a possibilidade de distribuição dos programas gravados, que, ao mesmo tempo introduz elementos definidores do futuro modelo de negócio: a) o barateamento dos custos da programação, com a venda dos programas para canais de outros estados (a medida vale para novelas, programas de auditório, humorísticos e shows musicais); b) o preenchimento da programação dos canais com programas gravados, tornando as exibições ao vivo menos problemáticas; c) a ligação de algumas capitais (primeiramente Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife) pela exibição de programas comuns, sinalizando então para a ideia de rede que viria a se concretizar em 1969.

A tecnologia desempenha um papel fundamental na conformação e evolução dos mercados, o que se aplica

“A exemplo do mercado cinematográfico, que se transformou num produto internacional desde a primeira metade do século passado, a televisão também conseguiu criar um mercado mundial de programas. Para tanto, procedeu adaptando formatos a realidades específicas, exportando diretamente os próprios programas ou vendendo os formatos sob a forma de *copyright*.”

aos diversos setores midiáticos e, em específico, à televisão. O videoteipe traz, então, um aprimoramento da programação na direção do que um dia

a Rede Globo vai denominar de Padrão Globo de Qualidade, embora seja um conceito interno, autorreferente, cujo enunciado embute, já na enunciação, o propósito de estabelecer uma diferença estética por ações concretas e pela abstração conduzida pelo seu marketing.

A TV Excelsior paulista viria a promover, bem antes, as mais ousadas investidas em busca de modernas gramáticas televisivas, dentre elas a nacionalização das telenovelas e a destinação do horário nobre a programas produzidos por ela. A história da Excelsior, entretanto, só durou uma década: inaugurada em 1960, teve sua concessão cassada em 1970 pelo regime militar.

Independente de ter seus enunciados reconhecidos formalmente pela própria Globo e demais canais, seu padrão tecno-estético passou a ser perseguido como a estratégia mais acertada de conquistar públicos fiéis. A questão que se põe, no momento, é se o paradigma instalado pela empresa líder do oligopólio segue sendo hegemônico, funcionando, portanto, como referência e barreiras para as demais competidoras, ou se, ao contrário, a própria dinâmica do mercado televisivo pode abrir brechas para novas acomodações nas posições de liderança. A fase da digitalização, marcada, dentre outros aspectos, pela multiplicidade da oferta, abre fortes perspectivas de novos arranjos. Resta aguardar os próximos capítulos.

**Curso de
Especialização
na Unisinos**

Estratégias e Processos em Televisão Digital

Início: 14 de maio de 2010

Coordenação: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos e Prof. MS. Paola Madeira Nazário

Informações: Secretaria das Especializações - Ciências da Comunicação

Fone: (51) 3590-8131 / (51) 3012-1383

www.unisinos.br/educacaocontinuada

**Inscrições
abertas**

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 20-4-2010 a 23-4-2010.



Rio dos Sinos: Causas do desastre não foram completamente eliminadas
Entrevista com Uwe Schulz
Confira nas Notícias do Dia de 20-04-2010
Disponível no link <http://bit.ly/afoyjq>

“A qualidade da água no Rio dos Sinos é classe 4, o que significa que essa água não poderia ser usada para abastecimento público. No entanto, a água é usada assim mesmo”, afirma o pesquisador.



Violência no campo. 25 anos depois, a média é a mesma
Entrevista com Dirceu Fumagalli
Confira nas Notícias do Dia de 21-04-2010
Disponível no link <http://bit.ly/clo4cL>

“A Reforma Agrária não é uma prioridade do atual governo” afirma o coordenador nacional da CPT.



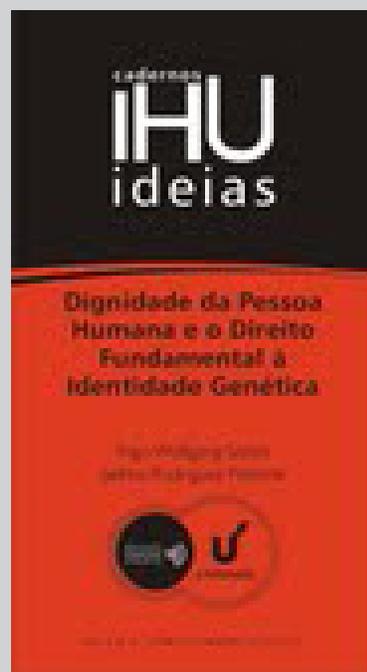
Transposição do São Francisco. Uma obra desnecessária
Entrevista com João Suassuna
Confira nas Notícias do Dia de 22-04-2010
Disponível no link <http://bit.ly/aHstEo>

“Os beneficiários da transposição do São Francisco serão as empreiteiras, os industriais, o grande capital. O povo está sendo iludido, não terá acesso a uma gota d’água sequer da transposição”, afirma o pesquisador.



Reality shows: extravasando a violência
Entrevista com Alex Primo
Confira nas Notícias do Dia de 23-04-2010
Disponível no link <http://bit.ly/cooXID>

Torturas travestidas de provas de resistência. Interações que apresentam uma violência reprimida na sociedade. Os reality shows “são formas pacíficas de extravasar a violência”, explica o professor.



Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética.

Em www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

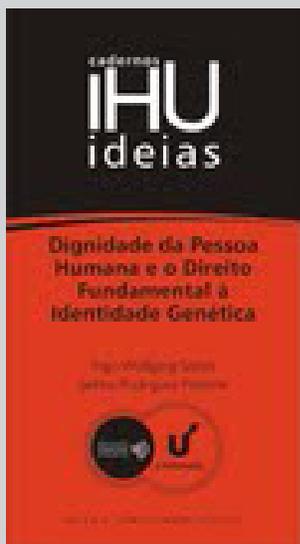
IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 26/4/2010
Ciclo de Palestras: Perspectivas socioambientais e econômicas do Brasil 2010 - 2015. Limites e Possibilidades Dr. Márcio Pochmann - IPEA/DF Local: Anfiteatro Pe. Werner - Unisinos Horário: 20h às 22h
Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010 MALTHUS e RICARDO: duas visões de economia política de capitalismo
EAD - Espaço de Espiritualidade I - ABRIR OS OLHOS (5ª Edição) ETAPA 3: OLHAR AO NOSSO REDOR
Dia 29/4/2010
Redução da jornada de trabalho: uma nova relação com o tempo Profa. Dra. Ana Cláudia Moreira Cardoso - USP / Universidade de Paris 8 e Assessora do DIEESE; Debatedor: Sr. João Roque dos Santos Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h
Dia 4/5/2010
Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana Prof. Dr. Mario Fleig - Unisinos Freud e o inconsciente Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h

XII Simpósio Internacional IHU

**A Experiência Missioneira:
território, cultura e identidade**
Informações em
www.ihu.unisinos.br

Eventos

Filosofia da diferença para compreender a biopolítica

POR MÁRCIA JUNGES

Possibilitar a compreensão e a reflexão do tema central do XI Simpósio Internacional IHU O (des)governo biopolítico da vida humana, visando debater e refletir sobre a vida humana como objeto do poder e recurso útil nas estratégias biopolíticas das sociedades contemporâneas. Esse é o objetivo do Ciclo de Estudos Filosofias da Diferença, pré-evento ao XI Simpósio do IHU, que inicia em 04-05-2010 e vai até 23-06-2010.

Cada uma das palestras tem como foco um pensador das chamadas filosofias da diferença. Assim, estarão em discussão Freud, Nietzsche, Heidegger, Benjamin, Foucault, Deleuze, Derrida e Lévinas. Confira, a seguir, a programação do evento. Para fazer sua inscrição, acesse <http://migre.me/zDok>.

Os debates iniciam em 04-05-2010,

com o tema *Freud e o inconsciente*, que será apresentado pelo filósofo e psicanalista Mario Fleig, professor do curso de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos. Sobre o tema, confira a entrevista concedida pelo também psicanalista Charles Lang (Universidade Federal de Alagoas - UFAL) à presente edição da IHU On-Line. De acordo com ele, o “inconsciente freudiano pode ser entendido como o campo de forças que determinam as experiências humanas”, situado fora do campo da consciência, com forças presentes e atuantes antes mesmo do surgimento da consciência e cujos efeitos permanecem em nós como restos, resíduos. Lang explica que esse mecanismo irrompe e transgride o regime da consciência. Por outro lado, “normalizar e normatizar o inconsciente têm sido a pretensão de diversos discursos: o

amoroso, o político, o pedagógico e, no último século, o psicanalítico”.

A filosofia da diferença tem como objeto a singularidade e a particularidade que habita cada pessoa. É uma corrente criada por filósofos franceses contemporâneos como Deleuze e Derrida, cuja atenção é voltada para a mudança de conceitos no indivíduo.

Trata-se de uma teoria inspirada na teoria das forças de Nietzsche. A filosofia da diferença, na prática, faz uma crítica às pessoas que se prendem às suas identidades. Para eles, toda a compreensão é uma ficção. Portanto, a evolução consiste na indiferença, no deslocamento de uma concepção a outra. Não precisamos da nossa “natureza” que faz ser quem somos. Confira a programação na tabela a seguir.

Dia 4/5/2010 Freud e o inconsciente - Prof. Dr. Mario Fleig - Unisinos
Dia 11/5/2010 A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica - Prof. Dr. Ernildo Stein - PUC-RS
Dia 24/5/2010 Nietzsche e o pensamento trágico - Prof. Dr. Oswaldo Giacoia - Unicamp
Dia 26/10/2010 Benjamin e o pensamento alegórico - Profa. Dra. Cláudia Castro - PUC-Rio
Dia 01/6/2010 Foucault e a questão do sujeito - Prof. Dr. Alfredo Veiga-Neto - Unisinos
Dia 9/6/2010 A geografia deleuziana do pensamento - Prof. Dr. Roberto Machado - UFRJ
Dia 17/06/2010 Derrida e o pensamento da desconstrução - Prof. Dr. Paulo Cesar Duque Estrada - PUC-Rio
Dia 23/6/2010 Lévinas e o pensamento do outro - Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - Unisinos

XII Simpósio Internacional IHU A experiência missioneira território, cultura e identidade

De 25 a 28 de outubro de 2010

Informações e inscrições:

(51) 3590 8474 ou 3590 8223 • www.ihu.unisinos.br

Local: Anfiteatro Pe. Werner • Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS



OBJETIVO GERAL

Refletir sobre a experiência missioneira jesuítica nos 400 anos da fundação das primeiras reduções da Província da Companhia de Jesus do Paraguai numa perspectiva multidisciplinar.

O Simpósio, destinado a professores(as), pesquisadores(as), estudantes universitários(as) e comunidade em geral, inclui, em sua programação, apresentação de comunicações e pôsteres.

ATIVIDADES CULTURAIS

Missa Terra sem Males

Texto: Dom Pedro Casaldáliga/Pedro Tierra

Música: Martin Goplas

Missa de Santo Inácio

Orquestra e Coral Unisinos

Lançamento nacional do "Atlas Territorial e Urbano das Missões Jesuíticas dos Guaranis".

Prof. MS. Ramón Gutiérrez - UNESCO - Argentina

CONVIDADOS JÁ CONFIRMADOS:

Prof. Dr. Adone Agnolin - USP

MS. Aky Chewiche - RS

Profa. Dra. Ana Luísa Janeiro - Universidade de Lisboa - Portugal

Prof. Dr. André Luis Ramos Soares - UFSM

Prof. Dr. Antônio Brand - UCDB

Prof. Dr. Arno Kern - PUCRS

Prof. Dr. Arthur Barcelos - FURG - RS

Prof. Dr. Bartolomeu Meliá - Centro de Estudos Paraguayos

Antonio Guasch (CEPAG) - Paraguai

Profa. Dra. Beatriz Franzen - IHGRS

Prof. Dr. Cláudio Carle - UFPel

Profa. Dra. Cristina Pompa - CEBRAP - USP

Esp. Décio Audriotti - RS

Prof. Dr. Eduardo Neumann - UFRGS

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck - Unisinos

Profa. Dra. Eloisa Capovilla Ramos - Unisinos

Prof. Dr. Ernesto Maeder - Universidad San Martín - Argentina

Prof. Dr. Fernando Torres Londoño - PUCSP

Prof. Dr. Giovanni José da Silva - UFMS

Profa. Dra. Graciela Chamorro - UFGD

Prof. Dr. Guillermo Wilde - Universidad San Martín - Argentina

Prof. Dr. Jairo Rogge - IAP - Unisinos

Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos - UFSM

Prof. Dr. Karl-Heinz - UFPA

Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins - Unisinos

Profa. Dra. Mirian Rossini - UFRGS

Profa. Dra. Paula Montero - CEBRAP - USP

Prof. Dr. Pedro Ignacio Schmitz - IAP - Unisinos

Prof. Dr. Rafael Chambouleyron - UFPA

Prof. MS. Ramón Gutiérrez - UNESCO - Argentina

Profa. Dra. Raquel Machado Rech - Narq - Santo Angelo

Prof. Dr. Tau Golin - UPF

Profa. Dra. Thais Lúcia Colaço - UFSC

Promoção:



Apoio:



Mulheres em movimento na contemporaneidade

Por GRAZIELA WOLFART

Acaba de ser lançado o número 37 dos **Cadernos IHU em formação**, com o título *Mulheres em movimento na contemporaneidade*. Nesta edição, somos instigados a pensar as múltiplas formas de expressão de ser mulher atualmente, não só no âmbito das relações amorosas e no mercado de trabalho, mas também no que diz respeito à sexualidade, estética, autoentendimento, entre outros aspectos.

Na publicação, podem ser lidas entrevistas com Rose Muraru (“O mundo com mais mulheres tem menos guerra, menos violência e menos corrupção”); com Clair Ziebell (A necessidade de lutar pelo respei-

to aos direitos das mulheres); com Ivone Gebara (“A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade”); com Alain Touraine (As mulheres na origem da nova sociedade); com Darli de Fátima Sampaio (O alto preço que as mulheres pagam para ascender no campo profissional); com Maria Elina Estébanez (Igualdade de gênero para fortalecer socialmente a ciência e a tecnologia); com Mirian Goldenberg (Uma mulher que se reinventa e se redescobre); com Ligia Mendonça (As desigualdades entre homens e mulheres na disputa do poder); com Montserrat Sagot (“Nenhuma mulher está a salvo em uma sociedade patriarcal e misógina”); com

Ana Cristina Ostermann (Mulher e sexualidade sob um olhar sociolinguístico interacional); com Carla Rodrigues (Um não-lugar para a mulher); com Cecília Pires (“A mulher, talvez, até nem precisasse de um dia especial”); e com Adriana Braga (O posicionamento feminino no contexto da cibercultura).

Ainda há um artigo especial, escrito por Élen Cristiane Schneider, intitulado *Mulheres em movimento: um não-lugar para elas*.

Para ler os **Cadernos IHU em formação** número 37, basta clicar em www.bit.ly/adhyIC e fazer o download.

XI Simpósio Internacional IHU:

O (des)governo biopolítico da vida humana

Informações em
www.ihu.unisinos.br

Freud e o inconsciente: a noção de uma outra cena

Charles Lang explica que o inconsciente freudiano pode ser entendido como o campo de forças que determinam as experiências humanas, um campo de forças que costuma situar-se fora do campo da consciência

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Convidado pela IHU On-Line a refletir sobre o conceito de inconsciente em Freud, o psicanalista Charles Lang afirma que o dispositivo psicanalítico de análise do inconsciente “não é um mecanismo biopolítico no sentido da dominação, do cálculo e do controle, mas no sentido da escuta daquilo que causa o sujeito e que é a sua verdade, e da criação e produção de formas e espaços que tornem o sujeito, na era da ciência, viável”. Na entrevista que nos concedeu, por e-mail, ele declara que “não se pode afirmar diretamente que o inconsciente é um mecanismo biopolítico, mas pode-se pensar que a escuta do inconsciente tornou-se possível a partir de uma determinada configuração familiar, a chamada família nuclear burguesa, e que Freud tenha feito coincidir o seu complexo de Édipo com este modelo familiar”. Para Charles Lang, “os nossos sintomas - um tique nervoso, um hobby, uma mania, um vício etc. - falam muito mais de nossa infância e de quem de fato somos do que o livro em que queremos explicar o nosso pensamento sobre determinado assunto”.

O tema Freud e o Inconsciente será debatido no próximo dia 4 de maio, pelo Prof. Dr. Mario Fleig, da Unisinos, no Ciclo de Estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. A atividade acontece das 19h30min às 22h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Mais informações podem ser obtidas em <http://bit.ly/atZWZS>

Charles Elias Lang é professor e pesquisador no curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. É doutor em Psicologia pela PUC-SP e psicanalista membro da Associação Psicanalítica De Porto Alegre - APPOA. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a definição freudiana de inconsciente? Por que há conteúdos que são aptos de se tornarem conscientes? Não seria isso um determinismo psíquico? Em que essa definição difere do subconsciente, proposta por Jung?

Charles Lang - Para Freud, o inconsciente é um lugar desconhecido para a consciência, uma outra cena. Para dar conta do inconsciente, ele elaborou duas teorias dos lugares psíquicos, duas tópicas. Na primeira, trata-se de uma instância psíquica ou um sistema, constituído por conteúdos recalçados, conteúdos que escapam às outras instâncias - o pré-consciente e o consciente. Na segunda tópica, o inconsciente não é mais entendido como

uma instância, mas passa a qualificar o *Isso* e, em grande parte, o *Eu* e o *Super-Eu*. Grosso modo, o inconsciente freudiano pode ser entendido como o campo de forças que determinam as experiências humanas, um campo de forças que costuma situar-se fora do campo da consciência; forças presentes e atuantes antes mesmo do surgimento da consciência e cujos efeitos permanecem em nós como restos, como resíduos. A própria definição de inconsciente implica algo que não pode ser conscientizado, algo que pela sua própria natureza, estrutura e funcionamento somente consegue adentrar no registro da consciência de modo oblíquo, alterado, condensado, deslocado, deformado. Ou seja,

aquilo do inconsciente que chega à consciência somente o faz através das *formações do inconsciente*: os nossos sonhos, os nossos lapsos de fala, de memória, os nossos atos que falham e os nossos sintomas. Ajuda muito, para compreender o inconsciente, pensá-lo mais como forma, mais própria a ser repetida, do que como conteúdo, mais próprio a ser lembrado, lembrado. A este conteúdo, passível de ser conscientizado, Freud reservou o termo *pré-consciente*.

A sexualidade infantil

O inconsciente freudiano dificilmente pode ser compreendido sem ter-se em conta a sexualidade infantil

e o complexo de Édipo. A grande resistência em relação à Psicanálise sempre foi a admissão de que a sexualidade está presente no ser humano desde o início da vida, e que a sexualidade das crianças, ainda que não exercida, existe e necessariamente irá conviver com o campo da sexualidade da mãe e do pai, e especialmente com o campo intenso da sexualidade entre o homem e a mulher que se apresentam como pai e mãe. De certo modo este é o destino necessário, o desfiladeiro que deverá ser transposto por todo bebê: responder ao chamado da sexualidade e da linguagem. A resposta a este chamado é que constitui o inconsciente.

As primeiras reações enfáticas e consequentes ao relevo dado por Freud à sexualidade infantil partiram especialmente de alguns de seus discípulos, como é caso do psiquiatra suíço C.G.Jung¹. Hoje está mais claro que a recusa de Jung à Psicanálise nos moldes de Freud não se devia simplesmente a uma má compreensão da Psicanálise ou à recusa do complexo de Édipo como o complexo nuclear do inconsciente. Deve-se compreender que Freud e Jung eram homens muito diferentes, endereçavam-se a interlocutores distintos e tinham concepções antropológicas, ontológicas e epistemológicas que logo entraram em choque, o que implicou também nas consequências éticas do trabalho dos dois. Acredito que certos endereçamentos e a persistência de resíduos metafísicos ainda impedem o diálogo entre os herdeiros de Freud e os de Jung, mas que um diálogo poderia ser possível se levar em conta a chamada “virada linguística” e seus efeitos na Antropologia e na Epistemologia do século XX. Também pode ser frutífera para o diálogo a consideração de que tanto a Psicanálise quanto a Psicologia Analítica (de Jung) são práticas de linguagem, e que ambas podem e devem andar no compasso das Ciências da Linguagem.

¹ Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, Jung estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da IHU On-Line)

**“Este é o destino
necessário, o desfiladeiro
que deverá ser
transposto por todo
bebê: responder ao
chamado da sexualidade
e da linguagem. A
resposta a este chamado
é que constitui o
inconsciente”**

IHU On-Line - Quais são as aproximações que podem ser feitas entre o inconsciente freudiano e uma compreensão deste como mecanismo biopolítico nos moldes foucaultianos?

Charles Lang - Nunca podemos nos esquecer que o aparecimento da Psicanálise coincide com a passagem do século XIX para o século XX, e isto não é coincidência nem questão de detalhe. É do século XIX a ideia de que saúde e educação são as maiores riquezas de uma Nação. Esta ideia, inclusive, está presente em nossos dias quando se avaliam o índice de desenvolvimento humano de um país mensurando-se a saúde e o grau de educação da população. Ora, para que pudéssemos ter cidadãos cada vez mais saudáveis e altamente educados, foi necessária uma biopolítica, e parece que quem pagou mais caro para que os objetivos desta biopolítica fossem atingidos foram as mulheres. Os homens conseguiram manter um duplo papel, negado às mulheres. Destas se esperava que casassem e cumprissem o destino de donas de casa, intermediando o mundo da casa, do marido e das crianças e o mundo do poder educante e do poder médico. Neste sentido, dos homens não se exigiu tanto e, no final e na virada do século, parecia ser preferível nascer homem. De certa maneira, era isso o que aparecia no discurso das pacientes de Freud, uma queixa do preço que as mulheres tinham a pagar, e uma

inveja do duplo papel que os homens poderiam exercer: um dentro de casa e outro na rua. Muitas das pacientes de Freud lamentavam a sua condição e a da mãe, ao mesmo tempo em que denunciavam a rigidez do pai em casa concomitante a sua liberalidade com prostitutas e bordéis.

Esta biopolítica também fez com que as crianças se tornassem o objetivo maior da sociedade, da família e da vida de um homem e de uma mulher. Não é a toa que, em 1914, Freud registrava em seu *Introdução ao narcisismo* a expressão *His majesty, the Baby*, ou seja, que então os bebês tinham ocupado o lugar que o Rei ocupava no passado. Assim, não se pode afirmar diretamente que o inconsciente é um mecanismo biopolítico, mas pode-se pensar que a escuta do inconsciente tornou-se possível a partir de uma determinada configuração familiar, a chamada família nuclear burguesa, e que Freud tenha feito coincidir o seu complexo de Édipo com este modelo familiar.

A transformação da família

Claro que as coisas mudaram desde então e que não é mais possível pensar-se o Édipo tendo exclusivamente em conta o modelo familiar de então. A família transformou-se. O Édipo também. O corpo da mulher deixou de ser objeto exclusivo para o prazer do homem e para gerar filhos, como o era na Viena de Freud em que a histeria - um padecimento do corpo psíquico - tornara-se uma espécie de política. O século XX foi considerado por muitos como o “século das mulheres”, e, junto com este movimento, surgiu o movimento gay e, mais recentemente, o movimento dos transexuais. O interessante, neste último, é a discussão que ele levanta: não se trata apenas de questões de gênero e de papéis, mas a questão de poder transformar o próprio corpo, reivindicar-se um corpo que não seja nem de homem nem de mulher. E isto também está sendo repensado pelos psicanalistas.

IHU On-Line - Nesse sentido, o inconsciente é o espaço da transgres-

são, onde não impera a normalização e a normatização? Por quê?

Charles Lang - O inconsciente, por sua própria natureza, é algo que irrompe e transgride o regime da consciência. O sonho noturno, muitas vezes, tem um impacto maior em uma vida humana do que a oratória ou um argumento lógico. Muitas das grandes decisões de nossas vidas as tomamos no travesseiro, ou seja, a partir de uma disposição produzida pelo sonhar. Os grandes oradores sabem do perigo que os ronda em uma fala pública. Recentemente uma das pré-candidatas à presidência da República traiu-se quando, ao querer dizer o nome de seu atual partido, disse o nome do partido ao qual havia antes dedicado quase toda a sua vida e com o qual rompeu. Sua justificativa para o lapso foi a de que “ainda não havia conseguido fazer o luto”. Os nossos sintomas - um tique nervoso, um hobby, uma mania, um vício etc. - falam muito mais de nossa infância e de quem de fato somos do que o livro em que queremos explicar o nosso pensamento sobre determinado assunto.

O inconsciente é também algo extremamente criativo. Basta lembrarmos do potencial subversivo e criativo do humor em épocas de vigilância e tutela estatal e religiosa; do perigo de uma piada, de uma charge, de uma homofonia ou de um jogo de palavras. O “pai, afasta de mim este cálice” de Chico Buarque, escrito, venceu o censor militar. Mas o “cale-se”, ouvido, estava fora de alcance de qualquer censura. A poesia, o teatro, a literatura, as artes visuais etc., - ou seja, os campos em que à criatividade humana é dada a liberdade - são os precursores disto que Freud nomeou como inconsciente. Por isso, em época de repressão e em regimes de exceção, a arte é o primeiro visado.

“O sonho noturno, muitas vezes, tem um impacto maior em uma vida humana do que a oratória ou um argumento lógico”

O inconsciente é algo normalizado, o que nos permite sermos desculpados quando chegamos atrasados ou esquecemos um compromisso ou a data de aniversário da pessoa que dizemos amar. Tacitamente somos compreendidos e justificados mesmo que o outro tenha a clara percepção de que a desculpa que utilizamos é uma desculpa “esfarrapada”. Tacitamente, somos condescendentes por compreendermos que cada um de nós tem que lidar com algo em si e nos outros que simplesmente escapa ao controle. Ele é normalizado no sentido de que intuitivamente compreendemos que simplesmente não conseguimos viver sem álbis diante deste estranho/familiar em cada um. E é normatizado no sentido de que o inconsciente não é algum puramente irracional, obscuro, abscôndido e sobrenatural. O inconsciente é regido por leis e por processos, descritos por Freud e formalizado de diferentes maneiras, o que constitui as diferentes escolas pós-freudianas. O exemplo mais retumbante da formalização do inconsciente foi produzida em termos linguísticos, topológicos e lógico-matemáticos: trata-se do trabalho do psicanalista francês Jacques Lacan.

A invenção do dispositivo analítico

Por outro lado, normalizar e normatizar o inconsciente têm sido a pretensão de diversos discursos: o amoroso, o político, o pedagógico e, no último século, o psicanalítico. A história da humanidade é o testemunho dos resultados destas tentativas. O que temos a partir de Freud é a invenção de um dispositivo, o dispositivo analítico. Sabemos que esta invenção tem como questão a epidemia histórica que assolava os países europeus mais desenvolvidos de então. Retrospectivamente podemos hoje entender a histeria como um dos germes de uma das grandes vertentes ocidentais de oposição à tradição, à ideologia e à sociedade patriarcais. Ao dar ouvidos à histeria, Freud a inclui de outra maneira, a autoriza, dá-lhe uma autoridade e autoria completamente diferente do que era comum no meio familiar, social e médico. Lacan, nos idos do maio de 68, torna público o seu conceito de *discurso analítico*, resgatando o espírito de Freud ao colocar no lugar de agente justamente o que é o resto, o excluído nos outros discursos. Não se trata, no entanto, de tornar consciente o inconsciente ou de incluir o excluído. Não se trata de uma nova militância. Trata-se de escutar naquilo que é excluído a verdade que o excluiu e o mantém excluído. E entender o próprio processo de exclusão como uma forma necessária, mesmo que inviável, de tratar com o intratável, de suportar o insuportável. Neste sentido, o dispositivo psicanalítico não é um mecanismo biopolítico no sentido da dominação, do cálculo e do controle, mas no sentido da escuta daquilo que causa o sujeito e que é a sua verdade, e da criação e produção de formas e espaços que tornem o sujeito, na era da ciência, viável.

Participe dos eventos do IHU
Informações em www.ihu.unisinos.br

IHU Repórter

José Luis Bolzan de Moraes

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

A amante da culinária italiana, da vitivinicultura e do motociclismo, o professor e coordenador do PPG em Direito da Unisinos, José Luis Bolzan de Moraes percebe em si características do vinho e da moto: “tenho o perfil explorador do motociclista e talvez pretenda ficar um pouco melhor a cada dia, como um bom vinho de guarda, o que só se consegue com muita dedicação ao estudo e à reflexão”. Na entrevista, a seguir, ele conta os aspectos mais marcantes de sua trajetória pessoal e profissional, salientando o orgulho que sente das raízes italianas. Confira:

Origens e família - Venho da quarta colônia de imigração italiana, sendo natural de Jaguari-RS. Meus avós vieram da Itália, da região do Vêneto, e se dedicaram à agricultura. Meu pai era construtor de estradas, e minha mãe era dona de casa. Tenho duas irmãs mais velhas; uma é advogada, e outra engenheira. Sou separado e tenho uma filha de 21 anos, a Giulia, que estuda Direito na PUCRS. Minhas irmãs ainda moram no interior e eu, atualmente, moro em Porto Alegre.

Formação - Comecei minha formação escolar em Jaguari. E, já no nível médio, passei a estudar em Santa Maria, numa escola marista - o Colégio Santa Maria -, e me mudei para lá, como de costume na região. Em razão disso, moro sozinho desde muito cedo. A distância entre Santa Maria e Jaguari é de 120 quilômetros. Então, alugávamos um apartamento entre amigos e constituíamos uma espécie de “república” de estudantes. Depois, fiz a graduação em Direito na Universidade Federal de Santa Maria e me formei

em 1984. Cursei o mestrado em Direito na PUC-Rio, de 1987 a 1989. O doutorado em Direito fiz em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina, além de um ano na França, em função da bolsa sanduíche do doutoramento, junto à Université de Montpellier I. Ainda fiz um pós-doutorado em Coimbra, em 2007.

Culinária e paixão pelos vinhos - O fato de eu morar sozinho desde cedo talvez justifique um pouco o meu gosto pela culinária. Até hoje gosto da cozinha. Também retomei uma tradição familiar, que é a indústria do vinho. Sou sócio de uma vinícola no Vale dos Vinhedos (Milantino Vinhos Finos Ltda), onde se produz vinhos, espumantes e suco de uva. Temos uma área de produção no Vale e outra em Encruzilhada do Sul (Serra do Sudeste). A uva, o vinho e a culinária se mesclam na cultura italiana. Acho que faço uma comida razoável: muito risoto, massas, sem dispensar o churrasco gaúcho. O ato de cozinhar é algo que estabelece um vínculo de convivência com as pes-

soas, de parceria e de muita conversa (em alto e bom som, nem tanto...) o que é comum em casas italianas, bem como o exagero na comida. Mas isso é típico dos “gringos” brasileiros, por uma questão cultural talvez, do medo de passar fome, trazido pelos imigrantes que chegavam ao Brasil depois de longas viagens e pouca comida, o que pude comprovar no passaporte de meus avós, assinado por Umberto I.¹

Motociclista - Nas horas de folga, que eu não tenho (risos), sou motociclista, viajo de moto com uma turma que se chama BMW Riders. Tenho duas motocicletas - uma Harley, pela tradição, e uma BMW 1200 GSAdventure, como moto de estrada, para todos os terrenos, que uso para longas viagens.

Trajetoária profissional - Iniciei a carreira docente na Universidade Fe-

¹Umberto I ou Humberto I da Itália (1844-1900): chamado “o Rei Bom”, era filho de Vítor Emanuel II. Foi rei da Itália de 09 de Janeiro de 1878 até seu assassinato pelo tecelão anarquista Gaetano Bresci em 1900. Foi sucedido por Vítor Emanuel III. (Nota da IHU On-Line)



deral de Santa Maria, onde prestei concurso e passei a lecionar a partir de 1985, e onde fui diretor da Faculdade de Direito. Em 1997, fui contratado pela Unisinos, quando da criação do Programa de Pós-Graduação em Direito da universidade. Nesse meio tempo, fiz concurso para Procurador do Estado, que é até hoje uma das minhas atividades, junto com a Unisinos. Desde 2007, sou coordenador do PPG em Direito da universidade. Atuo, ainda, como pesquisador do CNPq (PQ) e consultor do CNPq, CAPES e ME-Inep/Sesu. Fora da vida acadêmica, desenvolvo atividades de Procurador do Estado.

Autor - José Saramago e Florbela Espanca.

Livro - *Os donos do poder*, de Raimundo Faoro.

Filme - *Piaf - Um hino ao amor*, de Olivier Dahan.

Um sonho - Ter mais tempo para a moto e para o vinho.

Política brasileira - Um espaço indispensável e fundamental para a realização de um projeto de sociedade, como o expresso no texto constitucional de 1988.

Desafios do Direito - Tornar-se acessível e usufruível para e por todos.

Unisinos - Uma gigante adormecida. A Unisinos tem muitas potencialidades e por vezes “tropeça” no seu próprio tamanho.

Instituto Humanitas Unisinos - O IHU poderia funcionar como um centro de altos estudos aglutinador fundamentalmente das áreas de ciências humanas numa perspectiva inter e transdisciplinar, tanto para fomentar seu projeto interno quanto para levar a Unisinos para fora.

Participe dos Simpósios do IHU

Informações em
www.ihu.unisinos.br



Filosofias da Diferença

Possibilitar a compreensão e a reflexão do tema central do XI Simpósio Internacional IHU O (des)governo biopolítico da vida humana, visando debater e refletir sobre a vida humana como objeto do poder e recurso útil nas estratégias biopolíticas das sociedades contemporâneas. Esse é o objetivo do **Ciclo de Estudos Filosofias da Diferença**, pré-evento que inicia em 04-05-2010 e vai até 23-06-2010. O tema *Freud e o Inconsciente* será debatido no próximo dia 4 de maio, pelo Prof. Dr. **Mario Fleig**, da Unisinos. A atividade acontece das 19h30min às 22h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Mais informações podem ser obtidas em <http://bit.ly/atZWZS>

Redução da jornada e o tempo

No próximo dia 29 de abril, a Profa. Dra. **Ana Cláudia Moreira Cardoso**, da USP, da Universidade de Paris 8 e assessora do DIEESE, estará na Unisinos falando sobre o tema “Redução da jornada de trabalho: uma nova relação com o tempo”. Ela contará com a participação do debatedor **João Roque dos Santos**, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santa Rosa/RS. O evento acontece na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU das 19h30min às 22h.



Mulheres em movimento na contemporaneidade

Acaba de ser lançado o número 37 dos **Cadernos IHU em formação**, com o título *Mulheres em movimento na contemporaneidade*. Nesta edição, somos instigados a pensar as múltiplas formas de expressão de ser mulher atualmente, não só no âmbito das relações amorosas e no mercado de trabalho, mas também no que diz respeito à sexualidade, estética, autoentendimento, entre outros aspectos. Para ler os **Cadernos IHU em formação** número 37, basta clicar em www.bit.ly/adhyIC e fazer o download.

Apoio:

